

Stadium

N.º 51 X 24 DE NOVEMBRO DE 1943



Apesar desta corajosa entrada de Martins, Quaresma conseguiu rematar. Guia Costa, que não aparece na gravura, salvou, porém, o «goal».

(foto Nunes d'Almeida)

1\$50

DUARTE PACHECO

MORREU o engenheiro Duarte Pacheco, o homem que levantou o imponente estádio oferecido por Salazar aos desportistas de Portugal.

Escrevemos ainda sob a profunda emoção causada pela trágica morte deste notável estadista, que o destino quis que percesse em plena actividade, na agitação constante do seu dinâmico impulso a bem servir a Nação.

Logo em plena juventude, como professor do Instituto Superior Técnico, marcou a sua forte personalidade renovadora, vinculada também por vontade e energia de ferro. O seu talento criador continuou ininterruptamente ao serviço do país, sempre com critério, nobreza e elevação. Trabalhando sem repouso, guindou-se por direito aos postos mais elevados da vida do Estado.

A sua carreira triunfal, desenhada a traços fortes como grande realizador, está cimentada perpétuamente em todo o país nas obras que espalhou prodigamente. É impossível enumerá-las — nem é esse o nosso intento.

Para aqui, além da comovida homenagem à sua memória, cabe apenas trazer a qualidade que também o caracterizava de devotado amigo do desporto. Bastava lembrar a visão e o cuidado com que dotou, no que se refere à cultura física dos alunos, as monumentais instalações do Técnico. Mas, como homem de pensamento e acção criadora, quando chegou a oportunidade de oferecer ao país o seu estádio nacional — Duarte Pacheco não hesitou: os seus colaboradores foram chamados a preparar algo de grandioso, que não se resumia a um bom campo de futebol ou a bem construídas pistas de atletismo, mas compreendia realizações muito mais vastas, que a inteligência do sábio homem de Estado logo incluiu em largo plano, a roçar pelo magistoso mas de projecção enorme — sonho de todos nós, sonho acalentado também pelo reformador que sabia querer — e queria!

Ainda há dias o jornal «O Seculo» no-lo dizia: quando acabasse a guerra, o grande ministro, que soubera levantar a inolvidável apoteose de Belém, projectava trazer a Portugal os Jogos Olímpicos — ideal supremo deste construtor, que deu à Pátria todo o seu talento, os seus rasgos de génio, a sua alma dura e nobre, a sua vida, o seu sangue!

E éle, que sabia varrer todos os obstáculos e remediar todas as dificuldades, oferecer-nos-ia o grande certame com o característico e simples sorriso nos lábios...

Uma figura de tão exuberante vigor não pode esquecer. Os desportistas recordá-lo-ão comovidamente, gratos pelo que lhes deu.

Que descanse em paz!

EM Viseu vai ser construída uma piscina desportiva. Assim o resolveu a Câmara Municipal, que tem realizado na linda cidade da Beira Alta notável obra de valorização e progresso local. A construção está as azas para o Parque do Fátelo, onde existe já o estádio municipal, com terrenos para futebol, tênis, patinagem e volley-ball. A piscina completará o apetrechamento das instalações municipais para a prática dos desportos. Aparente, assim, o número de piscinas na provincia. E é de esperar que a este aumento corresponda maior desenvolvimento da natação.

DE modo geral, vão sendo construídas piscinas — particulares, municipais ou do Estado — em cidades ou vilas onde não existem, ainda, núcleos de natação. E não há maneira de aporrear quem as construa em terras onde este desporto conta excelentes condições de vida.

No Porto, a seguir a cidade do país, não há mais do que os pequenos tanques do Fenniano e do Sport. Em Coimbra e Aveiro há, apenas, para os clubes, piscinas improvisadas, ano a ano. Em Viana do Castelo — não há nada. O exemplo de Lourenço e, entretanto, o mais sugestivo. Com uma obra que dignifica a sua cidade, e que a elevou à categoria de segundo núcleo nacional de natação, não merece, ainda, que lhe dessem uma piscina desportiva. Tem-se esforçado por merecê-la. Mas não há quem se comova...

ESTÁ em disputa outro grande torneio internacional — o torneio de Tiro aos Pombos, organizado, no Lumiar, pelo Clube Português de Tiro a Chumbo.

Tem decorrido com bastante entusiasmo e com excelentes resultados. O Clube Português merece, pois, as felicitações dos atiradores portugueses. É assim que se trabalha — e que se progride.

É digno de registo e aplauso o esforço do Estoril Praia, quanto à movimentação da natação no inverno. A sequência do trabalho metódico do nadador é excelente para assegurar a melhoria gradual da sua forma — ou a sua estabilidade, quando se aproxima do período do declínio. A este esforço corresponde, por sua vez, o Sport Algeu e Dafundo, que prepara o funcionamento habitual e regular da sua piscina de inverno. E, pois, de espiral entusiasmo para as provas em preparação. E não só entusiasmo como utilidade — para o futuro.

Com o fim de espicar o trabalho dos nadadores e dos clubes, realizou o Estoril Praia conceder medalhas aos nadadores que melhorarem os tempos dos «records» de Portugal em todas as categorias — para senhoras e homens.

PROSSEGUEM os trabalhos preparatórios para a realização dos encontros Lisboa-Sevilha, em futebol. Não será ainda o ressurgir dos grandes desafios internacionais entre Portugal e Espanha. Mas é já alguma coisa. E pode servir de aperitivo...

Sevilha foi sempre uma região de notável relevo no futebol espanhol. Tem um tipo especial de jogo — todo fl-grande e «complexo», do mais agradável como espectáculo. A ideia do «match» entre as duas cidades é digna de aplauso. Ocalá, pois, que não apareça nenhuma ostracização.

EM Espanha festejam-se, com desafio: do homemem de certo modo frequentes, as grandes figuras nacionais da bola — os nomes de relevo no passado. São em geral joz amigos, que recordam outros tempos. Encenam saudades — e servem de apontamentos para a história do futebol. São sempre oportunos — como preito do gozido e ligação de camaradagem desportiva.

Há poucos domingos, realizou-se, em Madrid, um encontro Madrid-Barcelona, de homenagem a Monjardin, o homem que deu a vitória à Espanha num dia de jogo difícil no novo Estádio do Lumiar. A «répétition» deste encontro, marcada para Barcelona, terá como objectivo homenagear Paulino Alcantara, grande jogador catalão que foi um dos mestres espanhóis do futebol.

FALAMOS, há alguns números, do problema que deve ser, para a nova organização desportiva do país, a centralização e o funcionamento regular dos pequenos núcleos federativos e organizados em cada distrito. E citámos, novamente, o exemplo dado pela Confederação dos Desportos do Alentejo. E nos, pois, agradável registar que a organização subsista para a cidade universitária. Há apenas que mudar de título — deixando de ser Confederação, para ser Associação distrital com supervirulencia em «desporto».

Os nossos parabéns ao dr. Amadeu Rodrigues, presidente da categoria das Voz Desportivas, pelo triunfo alcançado. A sua iniciativa prossegue vitoriosamente — e deve servir de exemplo.

PARECE que é desta vez que se organizam os «compañias» amadoras de adeirgo, e apenas em Lisboa. Estão marcados para data próxima.

DISSEMOS já que o ciclismo atravessa uma situação aparentemente antagónica — há crises manifesta no ciclismo desportivo, mas é inevitável a expansão do ciclismo de turismo. Diminui o número de licenças federais, a federação, pelos corredores. Mas aumentou o número de pessoas que andam de bicicleta.

Uma prova interessante da expansão da bicicleta deu-se, agora, o Clube de Futebol «Os Belenenses», instalando, no seu estádio José Manuel Soares, um «Parque de bicicletas», onde as máquinas podem ser recolhidas e guardadas a troco de um escudo.

O **Carnide Clube** pode ser considerado como tipo curioso de clube de bairro — em que a actividade desportiva se associa à função recreativa, educativa e cultural que compõe as actividades desta ordem. Dedicada ao desporto Cuida das crianças. Tem um excelente parque infantil. E cultura o teatro e a música. Faz de tudo um pouco — em família, uma grande família. E em desporto tem um «camões» feito no «backet», modalidade em que voltou a ostentar o glorioso título de campeão nacional.

Pois o **Carnide** está festejando os seus 23 anos de fundação. Por tal motivo, apresentamos-lhe as nossas melhores felicitações.

É já um caso arrumado, o dos «ciclistas» individuais na Federação Portuguesa de Ciclismo. Os antigos «uniónistas», os homens que mantinham a tradição da velha União Velocipedica, que chegou a dirigir o ciclismo nos dois países peninsulares, deixaram de existir — como elementos activos dentro do «ciclismo» federativo. Mas nem mesmo assim abandonaram o espírito de dedicação, o entusiasmo, o «sympathie», que os ligam ao ciclismo. Vão, por isso, constituir a Liga dos Amigos do Ciclismo, com carácter particular.

A **Liga dos Amigos do Ciclismo** é uma ideia em marcha — e pode ser muito útil.

FALLEU há pouco em Coimbra o sr. Manuel Bernardino Ferreira, nosso dedicado agente naquela cidade. A família entutada, e em especial a seu filho, sr. Afonso Pinto Ferreira, que lhe sucede na actividade comercial, as nossas sinceras e cordiaes luctações.

Também José Pargana, conhecido caricaturista e nosso prezado colaborador, sofreu o rude golpe da perda de seu pai, sr. José João Pargana. Aqui lhe desejamos igualmente a expressão do nosso sentido pesar.

ANO XI — Lisboa, 24 de Novembro de 1943 — B. SÉRIE-N.º 51

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIÉDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O VALOR E A SUPERIORIDADE DO
ESTORIL PRAIA

reduziu o interesse do campeonato

da 2.ª Divisão da A. F. L.

O campeonato da 2.ª Divisão da Associação de Futebol de Lisboa fornece-nos um aspecto que é oportuno pôr em foco — um «caso» que merece ser ponderado e até resolvido pelas entidades dirigentes do desporto nacional.

Antes, porém, de fazer referência ao assunto, firmemos a declaração de que não traçamos estas linhas a pedido de qualquer parte interessada. Simplesmente nos fazemos eco — em plena concordância com o ponto de vista apresentado — do pensamento e opinião dos clubes que com tão dedicado espírito desportivo formam a segunda divisão do futebol lisboense.

O caso em si é simplesmente este: o actual campeonato perdeu todo o interesse, antes mesmo de terminada a 1.ª volta, pois já então se conhecia o vencedor do torneio.

O Estoril Praia, marchando à frente da classificação desde o início do campeonato e desfrutando, por isso, de um relaxamento que lhe tem permitido constante tranquilidade, obteve mais uma vez o seu desejo: disputar o fôzo de passagem à Divisão de Honra, oportunidade que já se lhe deparou, sem contudo a conseguir vencer.

A caminhada triunfal dos estorilenses tem-se accentuado esta época — de jogo para jogo.

Ao fim da décima jornada, o Estoril somava 30 pontos, oito de diferença do segundo classificado. Mas estava-se ainda na 5.ª jornada e já o Estoril levava cinco pontos de vantagem sobre quatro adversários.

Sem poderem competir em superioridade, os outros clubes, de desigual valor desportivo e contribuindo ano após ano para a boa propaganda do futebol, mas modestíssimos nas suas possibilidades, não podem opor-se ao maior, que dispõe de recursos vários para manter da melhor forma os seus elementos e a sua privilegiada situação.

Cada um, pela base do interesse dos clubes concorrentes ao torneio, cujo prémio é o título de campeão e o jogo de passagem — mesmo que lhes não interesse ingressarem na divisão superior — mas cujo encontro com o último classificado representa um prémio de consolidação ao seu esforço e interesse. Desta maneira, resta-lhes jogar o suficiente para fugirem ao último posto da sua divisão.

Por seu lado, o Estoril Praia não tem adversário neste agrupamento de clubes. Os seus jogos disputam-se à vontade. Basta um pouco de atenção aos períodos iniciais do desafio, em que a energia dos adversários tenta o impossível, mas que se nubra, com o decorrer dos minutos, por ser de facto impossível agüentar semelhante toada.

Sem a esperança de conquistarem o título frente a competidor de reconhecida superioridade, os clubes perdem em grande parte o interesse pela competição. As respectivas massas associativas afrouxam o seu entusiasmo e, por fim, o campeonato passa a ser coisa insípida, luta inglória em frente de valor maior...

Mas que culpa tem o Estoril Praia da sua superioridade?

Nenhuma. No entanto, o caso, apreciado em todos os seus pormenores, reveste-se de aspecto digno de atenção.

E a propaganda da grande modalidade desportiva a animação, a boa vontade, e coam-se por entre o desânimo geral.

Pensou-se no interesse deste campeonato, onde quatro clubes chegarem a manter igualdade de pontos — e depois todos os outros seguindo-se-lhe na classificação com mínimas diferenças entre si.

Que interesse o luta vigorosa poderia animar este campeonato, se não fosse a supremacia dos estorilenses!

Ao mesmo tempo, um outro pormenor surge — da maior importância e de particular responsabilidade: o azedume dos espectadores contra o clube superior, que «rouba» interesse ao torneio, a ponto de já ter dado origem a cenas menos agradáveis.

ATLETISMO

Balanço geral da época

IV — Corredores de fundo

por SALAZAR CARREIRA

As provas de fundo foram sempre as mais populares e as mais concorridas. O atletismo português encontrou, desde os primeiros tempos de actividade federativa, vasto campo de recrutamento para a especialidade nas fileiras populares dos «ardinas» lisboetas; reunidos em clube próprio, o «Vendedores de Jornais», espalharam-se quando a sua existência activa se sumiu pelos vários clubes praticantes, onde continuaram a conquistar lauros.

Cecílio Costa, Albano Martins, Domingos Jorge, José Maria Marques, Mário José, António Fonseca, Marques Graça, Adelino Tavares, Ernesto Silva, Jaime Mendes, Anibal Barão e João Miguel, eram nomes em realce num pelotão de campeões, cujos grandes «ases» foram António de Almeida e Manuel Dias, ainda hoje detentores dos «recórdos» nacionais.

Dos grandes nomes nesta categoria de corredores pode dizer-se que apenas Manuel Nogueira foge à regra.

As provas de fundo têm sido de constante superioridade nacional dos lisboetas e nas listas dos vencedores de campeonatos máximos apenas figuram duas inscrições que lhes não pertencem: as do português Albino Silva e do coimbricense Diamantino Fraça.

Nos anos mais recentes apareceram em plano de realce alguns corredores que não são da corporação, dos quais deitamos Felipe Luis e Pires de Almeida, mas o grosso contingente continua a pertencer aos vendedores de jornais, cuja profissão é um treino de resistência diário: dispõem de fundo, os rapazes trazem essa vantagem para o trabalho de treino que se concentra quasi apenas no ensino do estilo ou afinamento da velocidade.

A temporada que findou foi de quasi completa renovação: na lista dos campeões apenas se conservam os nomes de Nogueira e Albino, a par de novos titulares, como João Silva, Bernardo Silva e Afonso Marques, ou classificados, como Manuel Gonçalves e Jaime Martins.

A referência aos veteranos é forçadamente curta, porque se resume a Manuel Nogueira, atleta exemplar, desportista do melhor quilate, que bem mereceu os três títulos arquivados no seu activo. Menos rápido do que outrora, foi ainda o nosso melhor homem nas grandes distâncias em pista, beneficiando da insuficiência de forma dos seus mais perigosos rivais — Pires de Almeida, Felipe Luis e Anibal Barão — e da falta de estofio físico dos novos aspirantes à supremacia nacional.

Neste último grupo brilhou o benfiquista João Silva, de passada fácil e enérgico tempoamento, a quem falta ainda arcação para grandes e pesados cometimentos; precisa adquirir peso e fortalecer-se por ginástica apropriada.

Embora sempre relegado para plano secundário, o seu companheiro de clube Manuel Gonçalves impressionou mais favoravelmente

Deverá permitir-se que se mantenha este desnível de forças, se por acaso o Estoril Praia continuar na 2.ª Divisão.

Mas se os estorilenses subirem à Divisão de Honra, pela vitória no jogo de passagem, fica solucionado o assunto?

Cremos que não. Repetir-se-ia o mesmo aspecto. Decerto o que sucede agora com o Estoril passaria a verificar-se com o Fósforos ou com o Unidos.

Conclue-se, portanto, que há um «team» de igual ou semelhante valor dos mais categorizados e portanto deslocado no segundo grupo dos clubes concorrentes ao campeonato de Lisboa.

Terá, por força das circunstâncias, de manter-se este aspecto?

O assunto encerra enorme interesse e merece que nele reporem as entidades dirigentes do futebol.

sob o aspecto dos recursos físicos — e nada nos admiraria que a sua carreira futura oferecesse maiores regularidade e duração.

Afonso Marques foi a revelação da época; é ainda um garoto e por isso se lhe não devem pedir esforços muito longos nem muito frequentes, mas possui incontestável classe, fervida ainda por estilo deféssimo. Na preparação destes rapazes habilitados é necessário agir sempre com a maior cautela, porque o trabalho, intenso e prolongado, pedido nas corridas de fundo aos músculos e, sobretudo, ao aparelho cardíaco-vascular, só se admite sem riscos nos organismos formados. A pressa, em tais casos, é a pior inimiga do bom resultado.

O português Bernardo Silva foi uma vítima desse exagerado afã de vitórias; estreado da época, foi levado pelo seu clube até à fracção de «senior», onde alcançou êxitos que não justificam o procedimento, pois resultam exclusivamente da penúria de adversários com valor. Tão vertiginosa ascensão explica-se apenas em homens excepcionais — e é apenas mostruosa possibilidades apreciáveis.

O outro novo que citei foi Jaime Martins, filho do antigo campeão Albano Martins; acentua-lhe a crédito muita energia e inteligência táctica, apreciável estilo e tijo arcaboiço, mas ficam em contra a escassez de peso e diminuta estatura. Precisa, como aliás todos precisam, uma ginástica formativa regular e prolongada.

Felipe Luis, o melhor homem de 1942 apresentou-se este ano em má forma e teve a actividade prematuramente curada por exclusiva culpa sua; consequência da quebra de recursos, a sua lamentável atitude na légua regional foi também o fruto da falta de autoridade dos dirigentes encarregados da disciplina e fiscalização da pista.

Nenhum comentário à acção dos corredores de fundo pode considerar-se completo sem alusão aos inúmeros e graves atropellos, impunemente cometidos, durante a disputa das corridas oficiais da Associação de Lisboa. Situação grave, gerada pela incompetência e pavor das responsabilidades nos indivíduos investidos do cargo de árbitros, do facciosismo tolerante doutros oficiais do campo e da ausência de desportivismo de alguns corredores.

Foram, no final, castigados os menos moderados na reacção, que não eram com certeza os mais culpados; mas ficou liberto o juiz-árbitro, que nada viu... onde toda a gente viu enormidades!

Males de baixo, que são o reflexo dos males de cima — que ninguém tenta remediar.

São campeões de 1943:

Estreados — 2000 metros: Lisboa, Afonso Marques (Sp.), 6 m. 9 s.; Pôrto, Bernardo Silva (Salg.), 6 m. 19 s.

Principantes — 3000 metros: Lisboa, Afonso Marques (Sp.), 9 m. 17,9 s.

Juniores — 3000 metros: Portugal e Lisboa, João Silva (Benf.), respectivamente em 9 m. 18,8 s. e 9 m. 8 s.; Pôrto, Coutinho Monteiro (Ac.) 9 m. 48,4 s.; Coimbra, Frutuoso Mendes (V.), 9 m. 58,3 s.

Corporativos — 3000 metros: Nacional e Lisboa; José Araújo (F. N. I. M.) respectivamente em 9 m. 52 s. e 10 m. 43,3 s.

Seniores — 5000 metros: Nacional e Lisboa, Manuel Nogueira (Sp.) respectivamente em 16 m. 34,2 s. e 17 m. 9 s.; Pôrto, Bernardo Silva (Salg.) 17 m. 27,7 s.

10000 metros: Nacional, Manuel Nogueira (Sp.), 35 m. 4,6 s.; Lisboa, João Silva (Benf.), 34 m. 52,9 s.; Pôrto, Albino Silva (Salg.), 35 m. 52 s.

Lista dos melhores resultados portugueses: 3000 metros: Manuel Pires de Almeida (Benf.), 8 m. 52,5 s., 4 8-42; Manuel Dias (Sp.),

RAFAEL CORRÊIA

Reportagem de
JORGE MONTEIRO

CAMPEÃO PELA PRIMEIRA VEZ!

FOI há vinte e sete anos, em Fonte Santa de Caparica, lugarejo que dista pouco do Pôrto Brandão, aqui a dois passos de Lisboa: nasceu um «astro» do futebol português! Chama-se Rafael Pinto Domingos Correia, E, na A. F. L., único organismo por que foi inscrito, tem o número de matrícula 15360, com inscrição na época de 1933-34, pela 3.ª categoria do Belenenses. Antes disso, porém, já jogava o futebol: no Monte de Caparica Atlético Clube, uma colectividade da sua terra...

Principiou a praticar desporto — o futebol é a sua maior paixão, mas também nada e se dedica à viciosa por distração... — af por alturas de 1932. Há pouco tempo! E, no entanto, Rafael é já uma figura do desporto, nome grande no futebol nacional, com valor firmado através de muitas pugnas — quer no país quer no estrangeiro, em competições internacionais. Mas a-pesar-da sua actividade sempre triunfante, Rafael trazia consigo um grande desgosto: não era campeão de coisa nenhuma... E estava mesmo disposto — conforme no-lo garantiu — a abandonar o desporto de competição se não ganhasse este ano o campeonato de Lisboa! Agora... é natural que fique ainda mais uns tempos...

A carreira de Rafael é curta. Mas brilhante. Como principiou? É simples, muito simples, mesmo: Um dia foi com outros rapazes até Belém... Para ver treinar os seus favoritos! Era uma quinta-feira, o «dia santo» de Pôrto Brandão! E Rafael queria entreter-se. Chegou, viu e... convidaram-no a dar uns pontapés... Até aqui está tudo certo. Mas o rapaz mostrou jeito; e então, à saída, Artur José Pereira chamou-o. «— Queres jogar no infantil?» Que sim; que o Belenenses era o clube da sua feição. E Rafael ficou — até hoje...

Os primeiros pontapés a sério — com o saúdos Mestre Artur a ensinar e a corrigir — deu-os Rafael na semana seguinte ao seu aparecimento lá pelas Salésias. Para o endurecerem, puseram-lhe pela frente o Simões e o Almeida... Mas Rafael, de ordinário tímido, não se amedrontou dessa vez; o treino foi um êxito para ele — e uma satisfação para o Artur, que logo lhe vaticinou bom futuro. Entretanto, o campeonato infantil, em curso, estava no seu termo! Rafael, embora inscrito, não pôde jogar. E do União Lisboa — repare-se que Rafael ainda nem sequer alinhara oficialmente! — assediavam-no com a miragem do «team» de honra. Então o velho Artur, conhecedor do facto e sabedor das ambições da maior parte dos petizes que se julgam aces, chamou-o e perguntou-lhe: — «Ouve lá, tens pressa de jogar no primeiro grupo? ou preferes esperar?» A resposta foi rápida: — «Não tenho pressa...»

Na época de 1933-34, o Belenenses in-luiu Rafael na 3.ª categoria, de cuja equipa faziam parte, entre outros, Perfeito, Varela Marques Benfica, em Sintra. Uma estreia —

A sua equipa ia à frente da classi-
o azar de Rafael: surgiu, entretanto,
primeira contrariedade. Mas teve a

Na época seguinte jogou na re-
se por 5-3. Entretanto, quatro desa-
Fixe-se a data do primeiro: em
Veio a época de 1935-36. E
Três anos bastaram-lhe para

A maior alegria de um
— que é uma coisa efé-
gria. É campeão! E,
— É verdade!
finais do torneio



O estilo de Rafael



e o «basquetista» Rómulo Trindade. Nesse mesmo ano teve a honra de defrontar o «team» principal do sem carácter oficial...

ficação do campeonato de Lisboa, com quatro pontos mais que o Benfica. Título à vista! Mas aí começou a questão do Barreirense e do Luso — que regressaram a Setúbal — e o torneio ficou sem efeito... Logo: primeira satisfação: — foi o «goal-scoring» do «team»!

serva. Novo título à vista! desta vez bem perdido, porque, na final, o Casa Pia A. C. ganhou ao Belenenses no «team» principal: dois do então campeonato das Ligas e outros dois do campeonato de Portugal. 14 de Abril de 1934, contra o União Lisboa.

Rafael foi posto na categoria de honra, definitivamente, a interior esquerdo, ao lado de José Luiz. ser um «ás» do futebol — pois já nesse tempo era notada a classe do jogador.

desportista é quando conquista um título. Mais que a glória mera, passageira. Pois Rafael tem, agora, a sua maior ale- contudo, esteve à beirinha de o ser — por várias vezes... Nunca fôra campeão, a-pesar-de ter participado em três máximo do futebol: 1936, depois do célebre desempate com o F. C. do Pôrto, em Coimbra, de que triunfámos por 3-0, e perdemos com o Sporting (1-3); marquei eu o «goal» do Belenenses, mas de nada me serviu; em 1939 voltei a ir à final, desta vez com o Benfica, perdendo, novamente, por 1-3; e em 1940, com o Sporting — não há duas sem três! — perdeu-se por 1-4. Já era para arrelhar, francamente! Três... e nada! É verdade que o Belenenses ganhou a «Taça», em 1942, contra o Vitória de Guimarães, por 2-0. Mas eu limitei-me a «ver» o jogo da cabina — pois estava doente! Confesso que chorei de raiva... E tinha razão, não acha?!

— Diga-nos, Rafael, qual a sua maior satisfação?

— À de ganhar o campeonato! Nem se pergunta... E, se o não ganhasse, ia-me embora, creia. Começava a aborrecer-me com a «história»...

— Podem saber-se as suas preferências?!

— Não distingo nenhum dos meus colegas, porque todos fazem o que podem. Dos de «fora»: Espírito Santo, Carlos Pereira, Leonel, Albino, Azevedo e Mourão. No Belenenses? Todos, claro. Com respeito a árbitros?! De maneira geral, procuro acertar. Vá lá uns nomes: João Vaz, Carlos Fontainhas, João dos Santos Júnior, Abel Ferreira, António Palhinhas e Carlos Canuto. É um bonito ramalhete, pois não é?! Não esquecerei nunca Artur José Pereira, grande treinador, pois a ele devo o saber dar pontapés na bola. Alexandre Peixes satisfaz, e, a meu ver, cumpriu bem o mandato...

Também já mais olvidarei o dr. Arnaldo Rêdo, que foi quem me pôs capaz de jogar outra vez o futebol. Um grande cirurgião e um bom amigo.

«Quanto ao campeonato deste ano, acho que foi duro e difícil. Ganhou-se. E já não era sem tempo... Mas deixe-me dizer-lhe que não foi de mão beijada! O desafio com o Unidos, no Lumiar-A, foi um caso sério. Já contra o Sporting, não esperava ser tão fácil.

Resta fechar estas notas com uns ligeiros apontamentos da actividade de Rafael. Duas vezes internacional — e mais quatro como suplente: contra a Espanha em Bilbao; França, em Paris, e Suíça, em Lisboa, duas vezes. Seis seleções pela A. F. L. E não foi ao Funchal, em 1936, por estar doente.

(Continua na página 14)

D. Eduardo Laigleza, vencedor do XIV campeonato de Lisboa de Tiro aos Pombos, ladeado pelos finalistas Santos Silva e Moura Bastos



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA

BILHAR: 1 — Jogadores inscritos pela Sala «Bilhar do Rossio» e que estão disputando o Torneio de classificação na modalidade «por tabela»: da esquerda para a direita — Santos Henriques, Alberto Costa, Armando Reis, António de Brito, Mário de Matos, António Figueiró e Artur Nobre; **HIPISMO:** 2 — na taça «Farinha Beirão»: da esquerda para direita — ten. J. Carvalhosa, cap. Helder Martins, cap. José Beltrão (vencedor) e alf. H. Calado; **TIRO AOS POMBOS:** 3 — M. Padeira Júnior, vencedor da taça «Outono», e H. matos, 2.º classificado, ladeando T. Valente, que conquistou a taça «Abertura»; **ABERTURA DAS AULAS DO I. N. E. F.:** 4 — O sr. Director Geral dos Desportos rodeado pelos professores e alunos que se exibiram em «basket-ball»



TERMINOU UM TORNEIO
COMEÇARÁ OUTRO...

A merecida vitória do Benfica

não tira brilho ao êxito do Belenenses no campeonato de 1943-44

Comentários de TAVARES DA SILVA

FINDOU o campeonato de futebol de Lisboa de 1943-44. Depois de muitos anos de teimosia — tantos que o deslento começava a apoderar-se do conquistador! — o Belenenses está senhor do troféu.

O dia grande chegou — como sempre chega, quando se trabalha com vontade, persistência e bom senso. Porque o título, no caso presente, tem um valor secundário. Vale pela materialização de uma superioridade futebolística. Mas o que interessa pôr em relevo — principalmente — é que a conquista do título de campeão de Lisboa não é mais do que uma expressão do melhor jogo.

As vezes diz-se do campeão de um torneio — porventura com fundadas razões — que ele não é o melhor de todos. Isto é, que no conjunto dos concorrentes havia um grupo com mais direito à cor-a-de-glória. Por outras palavras: dado que o futebol é no fundo um jogo, embora desportivo, o que pressupõe pelas à conhecida lei da sorte e do usar, nem sempre ganha o melhor. Desta vez, o resultado corresponde à realidade. Ninguém de bom fé pode afirmar o contrário. *Venceu o melhor de todos.* Isto não quer dizer nada relativamente ao futuro. A forma oscila. É mesmo uma base frágil. Amanhã poderá haver outro melhor. O mais digno, porém, da vitória, no campeonato de Lisboa, era o Belenenses. A justiça desvendou os olhos.

Se não fôsse o interesse palpitante do Belenenses-Benfica, a derradeira jornada seria um peso morto. Assim — não, o Benfica levou para o campo a ideia firme de bater o Belenenses, quanto mais não fôsse porque ao orgulho clubista era grátis-limo o pensamento de vencer o campeão. Um desafio que podia passar, quasi sem se dar por isso, assumiu deste modo, e ainda porque o Belenenses também trazia agarrado à camisola dos jogadores o propósito de mostrar a sua superioridade, um singular interesse e vivíssima curiosidade. Milhares de pessoas encheram o Campo Grande. O futebol foi, por isso, o vencedor acima dos vencedores. Os dados futebolísticos da emocionante partida são dados adiante.

Por ora cumpre afirmar que a última jornada se transformou numa data inesquecível, por todos e mais um motivo, não só pela grandeza do primeiro desafio, mas ainda pela prova provada do nivelamento de valores das forças concorrentes, atestado na forma como o Unidos e o Fósforos defenderam as suas possibilidades. Nunca — que nos lembre — um clube no último lugar lutou tanto para fugir ao último lugar. Qualquer coisa de dramático!

Chegam-nos notícias da maneira como o público se comportou nos três pontos da luta. Fixando nos, todavia, como é natural, naquilo que se passou no Campo Grande — verdadeiramente nada se passou — devemos afirmar que o público, o elemento externo do jogo que, pelo seu comportamento, exerce influência no próprio jogo, não está a corresponder à moderna orientação de aperfeiçoamento e expansão.

Já nem sabemos como referir uma ideia antiga. As pessoas mais serenas, em presença do futebol, descontrolam-se descompondo-se. Quasi arrancam a gravata, êsse objecto de vestuário que parece indicar educação. O aficionado clubista só vê os delírios dos outros clubes. A desorientação que isto provoca — meu Deus! Em todos os clubes deviam fazer-se, semana a

semana, palestras educativas sob o ponto de vista desportivo. Só pela ideia desportiva. É certo que palavras levam ao vento. Todavia, as coisas, à força de repetirem-se, acabam por convencer. Água mole em pedra dura...

Estuda-se menos do que se deve...

Tendo seguido com muita atenção o torneio lisboeta e a actuação belenense, devemos dizer que nunca vimos adoptar contra o actual campeão de Lisboa a tática lógica e conveniente — desde que o grupo belenense parte essencialmente dos seus admiráveis interiores.

Há ainda muito que estudar no futebol português. Os treinadores que trabalham nos nossos clubes procedem de uma forma primária, ensinando um sistema ao grupo e aplicando o referido método em todos os casos, seja qual for o adversário. A lição não varia. Sempre a mesma. Sempre igual. Apesar dos dados do problema mudarem.

Num caso que provocou celeuma, outro dia, em Espanha, a propósito do At. Aviación — Valencia, Ricardo Zamora afirmou que um *team* precisa de, frente a cada uno, jogar de forma distinta.

Logo Eduardo Têus reforçou a imagem com estas judiciosas considerações: *É habito agora falar de láticas ante a observação irónica de muitos que não acreditam nelas, e continuam pensando que o futebol é o mais elementar dos jogos, e que tudo consiste em atirar a bola para diante, e ser melhor ou mais afortunado, que o contrário. Creem, ou aparentam crer estes entendidos, que não há mais colocação no terreno que a de um keeper de balzo das redes, dois defesas, dois meios e cinco avançados, jogando aquilo que calha. Se se é mais rápido; se se conta com jogadores de mais class custando muito dinheiro; se o árbitro se engana a favor de uma banda e se há sorte nos remates, ganha-se; se não, perde-se. Assim pensam estes aficionados.*

É possível que o emprego de uma lática faça sorrir estes simplistas do futebol ou espiritos superiores, mas insistimos que nos parece bem uma colocação travando a alegre iniciativa particular tão própria do nosso temperamento e tão perigosa contra nós próprios, por vezes.

Realmente, se o perigo vem dos interiores belenenses, parece intuitivo uma vigilância constante destes elementos a cargo dos médios-alas, mais caídos para o centro, po-to que obrigando a uma posição atrasada do médio-centro, posição que, no caso especial do Benfica, nada tem de desvantajoso, dado o espirito de luta, a fidelidade de movimentos e a colocação de «shot» de Albino.

Contra o que dizemos, dir-se-á que o Benfica triunfou. Certo, mas rememora-se a partida, e ver-se-á sem esforço a vanta em resultante da circunstância de não se deixar à vontade aqueles perigosos interiores, hoje por hoje, dois êsses portugueses da bola.

Belenenses e Benfica — dois estilos!

A luta entre o passe largo e o passe curto — recorde-se interessantíssima discussão entre Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis — como entre o jogo de criação e de destruição — leia-se o curioso livro de Augusto Sabo — vem de longe. Qualquer destas orientações tem dado bons resultados. Mas há muito se abandonou a ideia do uso exclusivo de qualquer destes tipos. Pelo contrário — a tendência moderna é para

o seu ajustamento. O que não significa que um *team* não tenha a sua tendência, isto é, a filiação numa das escolas.

O B. lenenses — por exemplo — pratica um jogo que se destina mais a criar do que a destruir, um jogo de staque, na sua essência. O *team*, a jogar como um bloco, dá a sensação de que não se importa com o jogo do seu adversário, cumprindo-lhe apenas executar o seu sistema. Todos os seus movimentos, rápidos, de boa execução e colocação, aparecem *assim* com a característica de envolver o antagonista, reduzindo-o à expressão mais simples.

Para este tipo de futebol é preciso grandes qualidades de domínio de bola dos executantes. Precisamente a mais bela virtude dos homens do ataque de Belen, e de todos os jogadores belenenses. No domingo passado, esta escola surgiu no Campo Grande nalguns períodos, de-aparecendo numa grande parte do desafio, mas isso não tira nem põe ao caso.

Todos os actos dos componentes do campeão lisboeta dão a ideia de que é preciso caminhar em frente, livrando-se dos obstáculos postos em campo, mas cada um mexendo na bola tendo em vista o companheiro do grupo, e não o inimigo. A unidade belenense preocupa-se mais com as suas unidades do que com as que formam a linha contrária.

Os exemplos são muitos. A escola da criação pode perfeitamente ser dominada pelos rápidos e tenacidade na luta, por um futebol que a êsse futebol oporia as qualidades que sejam o reverso das qualidades que aquêlê comporta. Por isso o Benfica, que já havia feito excelente figura nas Salésias, venceu no Campo Grande, e com inteiro merecimento.

O Benfica pratica, como nenhum outro, o jogo da destruição. O antigo jogador João Sá, agora belenense dos quatro costados, a nosso lado, dava claramente a ideia do que desejamos significar, afirmando: *Os rapazes do Benfica não deixam os belenenses meterem a bola.* Na verdade, uma vez na posse do cautecho, o belenense encontrava, regra geral, de um a três homens do Benfica. Afirmação insofismável da escola da destruição.

O Belenense é constituido um caso à parte no futebol português. Julgamos que a maneira do Benfica assenta melhor no seu temperamento. Sendo como somos, jogadores fogosos, intuitivos, levados pelo momento, e incapazes do raciocínio sereno, no calor da luta a ideia de destruir deve ser o ponto de partida dos *teams* portugueses. De aqui o Benfica ser a melhor expressão portuguesa. Porque, de resto, a própria ideia de destruição já tem concentrada a ideia de criação. Jogador eliminado — perigo afastado. E depois de dominar o adversário, o jogador português dá-se então, por vezes, com uma inspiração genial, ao trabalho de construir, aproveitando-se da favorável situação por êle criada. Em muitas fases do encontro, o Benfica dominou o Belenenses, porque, tendo destruído, soube construir, com lucidez e inteligência.

Honra para 2 jogadores: Teixeira e Eloi!

José Simões, o fabricante da linha do Benfica, trás na cabeça o desejo de linhar a seguinte formação avançada: Teixeira, Júlio, Jaime, Rozério e Costa. Vários impedimentos não têm permitido a experiência.

Pelo contrário, os arranjos forçados sucedem-se, vindo-se até Júlio a extremo direito, com prejuizo da eficácia do centro do ataque. Todavia, ha uma coisa que queremos frisar — que é com muita mágoa, que vemos, caso se leve por diante o desejo, o abandono de Teixeira do posto de interior.

Na última jornada, mais uma vez, o rapaz, que é um exemplo vivo de trabalho, rebústes e actividade — o melhor operário do futebol que conhecemos — se impôs em campo como uma grande figura, porventura a maior figura da partida.

Há vários estilos de jogar a bola. Mau seria que assim não fôsse. Teixeira não é um estilista, ou um jogador de subilhões. Mas um homem que se sacrifica pelo conteúdo do jogo e pelo conjunto, revelando as qualidades necessárias em tudo que faz, no *dribbling*, a passar e a *shootar*. Homem que aparece em todos os cantos, na defesa e no staque, fazendo pela teimosia coisas que os outros não fazem por habilidade natural.

Justamente no campo contrário, brilhou uma

unidade estilista, Elói, sobrinho do valentoso Fátia, que transformou o canteiro em barracha, com toques na boia de suavidade e jogadas de subtilidade. Elói tem qualquer coisa da linha dos Álvaro Gaspar e Vítor Silva... Vê-lo jogar, com veia, é o mesmo que ir ao Coliseu.

A homogeneidade do Atlético. Baptista—outra vez o destaque!

Há jogadores que exercem uma grande influência nos resultados conseguidos pelo seu grupo. As vitórias, como as derrotas, são de todos, é certo. Talhada a um, talhada a outro. Mas alguns jogadores arreadam uma talhada maior—no sacrifício. Justo é que lhes cubra, portanto, mais alguma coisa em recompensa. Pelo menos, as palavras da crítica. É o caso de Baptista, o conhecido médio-ala do Unidos, um homem sempre na brecha, em todas as situações e momentos—quando é preciso ser homem, e ser jogador. Contra o Atlético, mais uma vez a sua enérgica figura encheu o campo.

O desafio do Lumiar-A tinha duas faces diferentes: uma, para o Atlético, de bonança e sossego; outra para o Unidos, de anseio e dúvidas. Partindo destas indicações não se deverá estranhar muito o tom de homogeneidade apresentado pelo Atlético e o aspecto fragmentado do Unidos. Insistia-se, porém, em que, normalmente, as duas equipas acusam as mesmas qualidades e defeitos.

Uma das causas que tornam fragmentado ou diluído o jogo do Unidos é a constituição da linha atacante que, por mais que faça, mostra desentendimento quasi permanente, embora constituída por algumas unidades habilitadas no domínio do esférico. É certo que, desta vez, não jogou Tanguinho, mas isso mais nos parece um argumento contra, pois muitas vezes nos tem sido dado ver que a esse elemento se deve, em grande quinhão, essa já reconhecida desorientação.

O Atlético continua a afirmar-se, distinguindo-se pelo valor colectivo do grupo. Mesmo no campo do adversário, as peças do seu conjunto moveram-se de tal modo que nos parece realmente que há uma certa *distância*, actualmente, entre o 4.º de Lisboa, e o bloco 5.º e 6.º.

Um «team» que fez tudo para fugir ao último lugar...

O Fósforos convenceu-se de que não podia deixar à iniciativa do visitante o primeiro período do jogo. S'breteudo numa partida em que jogava uma posição. Os exemplos do Belenenses e do Benfica conservam-se ainda vivos na memória do clube de Marvila.

Assim, o Fósforos *deu tudo* logo no primeiro minuto. Não podendo, pela sua técnica, dominar a classe do categorizado rival, pôs no quadro geral do encontro todas as qualidades de que podia dispor, elevadas ao máximo de potência e grandeza.

Nesta hipótese, nem importa saber se o Fósforos foi, ou não, uma grande equipa, quanto a qualidade de *association*. Do que não há dúvida é de que a velocidade, a fúria e o temperamento dos jogadores de Marvila chegaram perfeitamente para dominar os acontecimentos no campo Carlos Saldanha. É evidente que um esforço desta natureza não se podia prolongar indefinidamente. Em certa altura, o ritmo tinha de afrouxar, como afrouxou, e então veio ao de cima, destacada, a autoridade sportinguista em matéria da técnica. Os defesas e os médios leoninos forçaram o andamento, colocando a bola constantemente no terreno de Marvila.

Mas esta colapso, digamos assim, foi passageiro. *A ideia de salvar o clube da última posição* estava de tal forma enraizada no pensamento colectivo do Fósforos que os seus jogadores, por ela reanimados, já depois do empate 1-1, se lançaram novamente ao mar bravo da partida, reentando a imagem do começo, e abalando serenamente a defesa dos «leões».

O Sporting não realizou grande exibição. Aenuantes: a falta do avançado-centro; e a falta de interesse pelo resultado. Todavia, se alguém saiu engrandecido da luta, não foi o Sporting, mas o Fósforos.

Arbitragem na justa medida

Investigando em Marvila, no Lumiar A e Campo Grande, é fácil concluir-se que o arbitragem deu boa conta do recado—de um modo

Outros torneios de futebol

OS campeonatos das categorias inferiores da 1.ª Divisão da A. F. L. decidiram-se antes da prova terminada. A vitória do Belenenses, em «reservas», ficou assegurada na antepenúltima jornada; a do Benfica, em «segundas», deixou de oferecer dúvidas na penúltima «onda». O facto dá, de certo modo, realce ao comportamento dos campeões.

A vitória do Belenenses em «reservas»...

Começemos pela «reservas». O campeonato provocou apreciável interesse, a despeito da depressa se ter desenhado a superioridade dos «azuis» e «encarnados». Quando na quarta jornada o Benfica, no seu campo, se deixou, inesperadamente, bater pelo Atlético, as possibilidades do Belenenses aumentaram. E quando oito dias depois, no final da primeira volta, no relvado das Salésias, os donos da casa bateram os benfiquenses, pouca gente deixou de pensar que o título iria para os papilões de Péica. Na antepenúltima jornada, os «leões» bateram os seus eternos rivais e então o Belenenses ganhou o campeonato...

Nas dez jornadas da prova, que, digna-se de passagem, se revestiu de grande regularidade, marcaram-se 116 «goals» (82 na 1.ª volta; 34 na 2.ª). A «onda» em que mais vezes as rédeas foram tocadas foi a última: 22 vezes.

A vitória do Belenenses é indiscutível: 10 jogos—10 vitórias e o «score» de 42-14. A regularidade da equipa ressalta à vista. Senão, vejamos:

	1.ª volta	2.ª volta
Contra o Sporting...	4-2	4-2
» o Unidos...	4-0	4-1
» o Atlético...	6-0	3-0
» o Fósforos...	7-3	5-4
» o Benfica...	1-0	3-2

Verifica-se que os «azuis» estiveram sempre em dificuldade contra os «encarnados», pois não conseguiram ganhar senão pela tangente. Também o Fósforos, na penúltima jornada, colocou o Belenenses em perigo (5-4). É curioso salientar que, tendo a equipa sofrido 14 «goals», sete foram-lhe marcados pelos avançados do grupo de Marvila.

O Benfica somou menos oito pontos que o Belenenses e mais quatro que o Sporting e o Atlético. A equipa foi bem lançada até à terceira «onda». Depois, a derrota-surpresa em frente dos alcantarenenses teve o condão de desorganizar o «team». Onze pontos em cada volta revelam regularidade. E o «score» não andou muito longe do do Belenenses: 37-14.

O Sporting salvou-se na segunda volta. A meio da prova estava em último lugar, em igualdade com o Unidos. Depois melhorou e veio a terminar num lugar que ao princípio não previa. Totalizou 18 pontos (7+11) e o «score» foi de 25-32.

Do Atlético pode dizer-se o contrário. Começou melhor do que acabou. O triunfo sobre o Benfica fez-lhe subir a scotação, mas nos últimos quatro desafios obteve outras tantas derrotas. Como o Sporting, somou 18 pontos (11+7).

O Unidos não correspondeu ao que dele se

esperava... tendo em vista o passado, que lhe criava certas responsabilidades. Ficou-se em 16 pontos (7+9). Quanto ao Fósforos, não se podia esperar mais. Também 16 pontos (9+7). O empate com o Unidos tem uma justificação: cada equipa ganhou à contrária, quando jogou em casa. Dois resultados pela tangente.

... e do Benfica em «segundas»

A vitória dos «encarnados», em «segundas», foi menos brilhante do que a do Belenenses em «reservas». O Benfica nunca perdeu, é certo, mas, por três vezes, também não ganhou. Começou a ganhar, na segunda volta, lavou tudo de vencida. Senão, repare-se:

	1.ª volta	2.ª volta
Contra o Unidos...	2-2	3-1
» o Fósforos...	4-1	5-1
» o Sporting...	5-0	5-0
» o Atlético...	0-0	7-1
» o Belenenses...	2-3	6-3

Totaliz 27 pontos (12+15). Score: 30-10 (13-5 e 20-5). Nos três últimos encontros a equipa correspondeu à tradição: 3 vitórias e 1-3.

O Unidos foi bom segundo. Terminou a primeira volta à frente, sem derrotas. Depois, perdeu contra o Benfica. Ficou igual e à espera de um deslize dos «encarnados». Mas, logo no domingo seguinte, o tal deslize veio a caber-lhe: foi derrotado pelos «azuis» e entregou o título ao Benfica. Total de pontos, 25. (14+11). Score 20-16.

O Belenenses melhorou gradualmente e terminou em terceiro lugar, distanciando 5 pontos do quarto classificado. Somou 22 pontos (9+13). Os seus melhores resultados foram o empate com o campeão e a vitória sobre o Unidos.

Seguiu-se o Fósforos, que se pode gabar de ter estado «leader» durante uma semana. A equipa mostrou-se irregular na primeira volta para decair na segunda. Pontos: 17 (9+8).

O Atlético fugiu ao último lugar. Uma única vitória sobre o Sporting na primeira volta e pouco mais. Total de pontos 15 (8+7). O Sporting nunca se «encontrou». Também só teve uma vitória, contra o Fósforos. E de um clube como os «leões» era licito esperar mais... Pontos 14 (8+6). — DIAMANTINO DIAS

NA 2.ª DIVISÃO DA A. F. L.

O Estoril Praia vai a caminho de segundo triunfo colectivo

Disputaram-se no domingo os desafios correspondentes à décima primeira jornada do campeonato da 11.ª Divisão da A. F. L.

Eis os resultados que se anotaram:

OLIVAIS - CASA PIA A. C.	3-1
CHELAS - MARVILENSE	0-0
OPERÁRIO - F. BENFICA	2-3
ESTORIL - SACAVENENSE	12-1

Na 1.ª volta, respectivamente: 2-2, 0-2, 2-1 e 5-0. Verifica-se, portanto, que o Olivais e o Futebol Benfica lograram desforrar-se, que o Estoril acentuou a sua superioridade e que o Marvilense deu pior conta de si.

(Conclui na pág. 14)

geral, e talvez com a excepção do Lumiar. A importância do Benfica-Belenenses, porém, prende mais, como é natural, a nossa atenção, levando-nos a afirmar que Carlos Canuto adoptou a *justa medida* no capitulo das cargas e naquilo que pode designar-se por jogo léptico. A lei da dureza pode impôr-se no futebol sem agravar as Regras. E nada há de reparos em tal matéria—no Campo Grande.

A arbitragem foi ainda primorosa no aspecto conhecido pela designação de *beneficiar o infractor*. Que pena os árbitros novos não terem visto esta magnífica lição de aplicação das Regras. Para nós, portanto, o inconveniente da expulsão não ofusca a tarefa do conhecido árbitro.

Carlos Canuto, vendo a agitação de Rafael—pondo K. O. Gaspar—ordenou a expulsão do belenense. Chamou-o a capitulo, e convencendo-se, pelas informações dos juizes de linha, que G. Pinto provocara a desfrontera de Rafael,

ordenou a expulsão do benfiquense. De que outra forma poderia proceder?

Os números deixam de falar!

A classificação final ficou assim estabelecida. 1.º Belenenses—28 pontos (9 vitórias e 1 derrota, 42-12 em bolas). 2.º Benfica—25 pontos (7 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 33-21 em bolas). 3.º Sporting—22 pontos (5 vitórias, 2 empates e 3 derrotas, 28-24 em bolas). 4.º Atlético—(3 vitórias, 2 empates e 5 derrotas, 25-32 em bolas). 5.º Unidos—13 pontos (1 vitória, 1 empate e 8 derrotas, 23-41 em bolas). 6.º Fósforos—13 pontos (1 vitória, 1 empate e 8 derrotas, 15-48 em bolas).

Não vale a pena comentar o passado. Deve atender-se agora ao futuro. Já se vê o Campeonato Nacional... São dez jogos que se tem em num vaso. Não vem morrer. E uma viverá. É a lei da vida!



Uma boa intervenção de Guia Costa



O ataque do Benfica em acção no meio campo belelense



Quaresma apoia-se em Gaspar Pinto para tocar a bola de cabeça

Os campeões!
CLUBE DE FUTEBOL "OS BELENENSES" 



Da esquerda para a direita: No 1.º plano — Franklin, Eloi, Quaresma, José Pedro e Rafael; no 2.º plano — Simões, Salvador, Amaro, Gomes, Serafim e Feliciano



Francisco Ferreira e Quaresma — dois jogadores que se destacaram no domingo no Campo Grande



Uma defesa de Martins — sem aparente dificuldade



Amaro bate M. Costa e vai entregar a bola ao ataque



Quaresma "fura" impetuosamente entre Gaspar Pinto e Guia Costa!

A evolução das regras do bilhar

II

por JOÃO MARIA

ILUSTRAM a afirmação que fizemos na crónica anterior — de que poucas vezes coexistem no mesmo jogador todas as qualidades requeridas pelas várias modalidades do bilhar, e de que esse facto é até verificável entre os grandes «*stars*» internacionais da carambola — os casos Butron e Lagache. À falta de outros que a nossa memória não retém. O primeiro, a conhecida «*fera*» espanhola da «*partida livre*», brilhante, rápido e produtivo na série americana, não revelou nunca, na mesma ampla medida, segurança e rendimento no jogo largo, constitutivo, interessando todo o espaço verde da mesa grande. O seu desnível de poder na condução da série e na preparação desta é com efeito acentuadíssimo e notório. O mesmo foi, aliás, observado no seu compatriota Luciano Clerc, que de frontou o nosso Albern no último Portugal-Espanha disputado entre nós. Lag che, o valoroso jogador francês, mestre consumado e celebrizado nas «*3 tabelas*», várias vezes campeão do Mundo, é, por assim dizer, inexistente no jogo de série, tal a diferença de classe que acusa na prática das duas modalidades. Estes factos bastam para demonstrar a necessidade que houve de criar várias «*nuanças*» de competição, cada uma delas sujeita a regras próprias e exigindo, consequentemente, uma técnica e táctica de jogo particulares. De outro modo, certas faculdades do bilharista, apreciáveis em altíssimo grau, ficariam sem utilidade e sem a consagração que realmente merecem, e do mesmo passo regularia inatendida a nossa irreflexiva tendência para a inovação e o descobrimento de dificuldades, seduzidos pelo prazer de variar o esforço e de vencer obstáculos.

Existe, todavia, em oposição ao jogador astro apenas em determinado processo de jogo, ao jogador exclusivo desta ou daquela modalidade, o jogador universal. Visando esta designação o jogador que consegue elevada eficiência na execução de todas ou quasi todas as «*nuanças*» da carambola. Realiza, mais que o tipo perfeito, o tipo ideal deste último, o célebre francês Conti, cuja habilidade — intuição geniais fizeram dele campeão mundial de todas as especialidades. Tão prodigioso o seu domínio na condução por igual das 3 bolas, forçava as a realizar com metódica precisão quanto concebe de audacioso ou subtil, que dir-se-á fazê-las rolar e deter-se por efeito de virtudes sobrenaturais. Mas este bilharista excepcional, este autêntico fenómeno do bilhar, pela maneira exuberante, total, como possui todas as técnicas e domina todas as tácticas, bem pode ter-se como caso único e à parte, situado fora do campo das limitações humanas. O que seus olhos relanceiam feito por outrem no pano verde das três bolas, por inédito ou difícil que se apresente, logo ele apreende para para lutar com perfeição e segurança inexcedíveis. Não há, na verdade, requinte ou obstáculo capazes de o imobilizarem na impotência de realizar. Por tudo isto dissemos ser Conti, mais que o tipo perfeito, o tipo ideal de jogador universal. Havemos de contar, na sequência destas crónicas, como ele, num campeonato internacional, na América do Norte, surpreendido pela eficácia da série americana, logo se pôs a limitá-la, com largo rendimento, na mesma partida em que lhe era revelada. O sucesso foi empolgante e é realmente decisivo para a apreciação das faculdades do grande bilharista francês — o mais célebre em todos os tempos e em todas as latitudes.

Não queremos passar adiante sem um referência ao campeão português Alfredo Ferraz, que sendo o actual campeão mundial no jogo livre, é ao mesmo tempo jogador de valor consagrado em várias outras modalidades. Primeiro lugar de «*fantasia clássica*», no campeonato internacional de Vichy, em 1931. Segundo lugar no jogo por tabela, noutra prova realizada na mesma cidade, em 1934. Terceiro lugar na partida «*3 tabelas*», no torneio de Angoulême, em 1930. Na última competição internacional que tomou parte, na Bélgica ou Suíça, não nos recorda bem, esteve Ferraz à beira de ultrapassar o «*record*» da série ao quadro 71/2,

«*record*» que não estabeleceu para si, não porque estivessem fora do seu alcance as carambolas de que carecia para isso, mas porque supondo faztarem mais que as realmente precisas e procurando uma «*coacção*» das bolas que lhe permitisse «*fabricá-las*», com suprema e arreli nte infelicidade, faliu a tacada!

No último Portugal-Espanha, foi ainda ele o adversário de Boffill, o especialista espanhol da carambola por tabel, tão cauteloso como «*palangist*» e a quem Ferraz superou em estilo, preparação e extensão da série.

Mas os exemplos que acabamos de citar, constituindo excepção, confirmam por isso a regra, e esta é que raro consegue o jogador refinar em si faculdades capazes de superiormente o valorizarem em todas as modalidades — até porque a sua especialização nesta ou naquela se faz com «*afinação*» das qualidades solicitadas em prejuízo das que o não são.

Joseph e Cyril Dion, os inventores da «*série americana*» : : : : :

Foi por volta de 1871 que apareceu a série conhecida no longo da tabela, inventada pelos dois irmãos americanos Joseph e Cyril Dion. Era fatal! Da América, presa da idolatria das grandes mecanizações e dos números astronómicos, tinha de vir o processo que havia de conduzir, mais tarde, às séries infinitáveis para além das 1 000 carambolas. O bilhar recebia assim o selo do espírito americano, que bem poderia simbolizar-se por um audacioso e irrevolvente «*arranha-céus*»...

Convém aqui um parêntese para dizer que, antes da invenção americana, já a série do canto, então a mais produtiva, sofrera interdição, série que foi chamada «*da nor*», não sabemos se pela constante e alternada deslocação a que obrigava o jogador, para este procurar acesso à sua bola, se pela própria movimentação da bola l deslizando ora sobre uma lato da mesa, ora sobre o outro, numa perfeita alternância pendular. O certo era ser esta série de uma técnica extremamente fácil rapidamente assimilável a qualquer jogador do média categoria, e apenas pedindo algum esforço de atenção, já que a condução das bolas até à sua prisão num dos ângulos das tabelas, não comportava exigências de maior. Não se contavam ainda os cantos de mesa, mas o árbitro advertia o jogador que lograva situar assim as bolas 2 e 3 de que lhe não seriam consentidas mais de duas carambolas em tais condições. Sempre o canto do bilhar fascinou o bilharista na mira de garantir-se a possibilidade de copiosas tacadas... Oh, a futilidade geométrica de possuir o bilhar quatro cantos!...

Retomemos, agora, o fio... A descoberta dos dois famosos americanos que tão profunda revolução trouxe à técnica do bilhar, logo fez subir o rendimento das séries, conquanto não se atingissem ainda as 300 carambolas. Mas, segundo Farrow, notável bilharista amador, francês, campeão do Mundo vários anos e pessoa destacada nos meios sociais da sua grande pátria, os frequentadores dos torneios já reagiram nessa altura, acusando de oportunistas as largas séries. E, contudo, estava-se ainda longe das catadupas de carambolas que hoje produzem os melhores especialistas do jogo livre!

Em 1874, o francês Edmond Graveluse, alarmado por essas reacções e, possivelmente, tomado do receio de que o automatismo aparente e a monotonia irradiante da série americana deslizessem o jogo de toda a emoção, opôs-lhe o quadro de 20/2 (quadro com 20 centímetros de lado e saída obrigatória de uma das bolas 2 e 3 ao segundo golpe).

A inovação de Graveluse encontrou a resistência mais ou menos ostensiva dos profissionais, que viam nela mais do que a intenção de lhes limitar as possibilidades, por certo a necessidade de descobrir novas técnicas de jogo. Durante seis anos, os especialistas da partida livre foram estudando e progredindo

UMA INICIATIVA DA «*STADIUM*»

O QUE PENSAMOS FAZER A FAVOR DA LUTA GRECO-ROMANA

PROMETEMOS, em artigo anterior, que vamos analisar o que seria possível fazer para voltarmos a ver em plena actividade o belo desporto da luta greco-romana. São, porém, desnecessários paliativos — em excesso eles têm existido — e vamos directamente ao fim: «*Stadium*» dispõe-se a convocar uma reunião dos clubes interessados, para primeiramente saber o que há em definitivo quanto à Federação. Não queremos atropelar ninguém. É certo que o organismo dirigente não dá acôrdo de si, vai para quatro anos, mas felizmente os elementos que o compunham — e compõem, porque nenhuma assimbléa magna os substituiu — estão vivos e contamos-os no número dos amigos. Mas nesta, como em todas as emergências, a amizade não é tom da em linha de conta. Seria falsear a nossa missão — o que nunca fizemos e continuamos a supôr que nunca faremos...

Como os directores da F. P. L. são pessoas conscientes, ainda que negligentes — não-de reconhecê-lo, intimamente... — não desejamos saltar por cima do que julgamos ser pertença sua; a autoridade que lhes assiste de promover a expansão da luta e a organização de provas. Mas o que é indispensável, o que é mesmo fundamental, é acudir o marasma em que se permanece.

Como órgão da imprensa desportiva, o que interessa a «*Stadium*» é impulsionar o desporto. Sentimo-nos, portanto, no direito — e no dever — de agir em todos os campos, para esse fim. De outras fases da revista perdura na a certeza consoladora de termos contribuído para um período de muito brilho da greco-romana. Não fica mal a ninguém reconhecer a projecção das suas iniciativas, como ninguém se apouca ou inferioriza dando a mão à palmatória, quando erra.

Dentro deste critério e obedecendo aos imperativos que se nos afiguram superiores a todos os pensamentos comensinhos e a todo o género de comodidades, deliberámos passar das palavras aos actos. Sabemos que está atrás de nós legião numerosa de praticantes. É meia garantia de êxito. E tendo de se principiar por algum lado, vamos pelo que, logicamente, entendemos ser o primeiro: saber a opinião dos clubes sobre o «*primeira*» Federação, visto que esta é elicta por eles.

Depois, e conhecidas igualmente as disposições dos dirigentes federativos, seguir o caminho que se apresentar indicado para pôr novamente a funcionar os tapetes. O plano é eleme tamente simples e, em teoria, singularmente fácil. Na prática, com a boa vontade geral, tudo se consagra.

Vamos dirigir aos clubes convites para uma reunião a efectuar na redacção da «*Stadium*». Esperamos confiadamente que dela resulte benefício para a luta. Não hipótese remotamente admitida de falhar a tentativa, deporemos então as armas, aguardando que novo dilúvio modifique o pensar dos homens e lhes transforme o sentimento da comodidade...

LANÇA MOREIRA

HAND-BALL

Taxas de filiação

Termina depois de amanhã, dia 26, o prazo fixado pela Associação de Hand-Ball de Lisboa para o pagamento das taxas de filiação com vista à época de 1943-44. A secretaria da Associação funciona das 21 às 23 horas.

até conseguirem para a série americana um super-rendimento espantoso e imprévisto. E simultaneamente foi engrossando o número dos prosélitos das ideias de Edmond. Em 1880, deu-se o facto decisivo, que consagramos, aliás, a capacidade produtiva do processo americano, e glorificando ao mesmo tempo os seus inventores. Joseph e Cyril Dion, haveria de constituir o melhor e mais forte argumento a favor das opiniões de Graveluse.

«Records» e proezas extravagantes

NO domínio do exótico não há povo que ultrapasse o americano! Desde o util, como são as construções bíblicas que o vulgo alcinhou de arranha-céus, até ao novo, como as tais maratonas da duna, existem nos Estados Unidos, em permanente labor, oão, pesquiando ou criando, verdadeiras fábricas de «records» extravagantes...

Para elucidação dos leitores e porque achamos algumas delas, pelo menos, curiosas e típicas da mentalidade dos yankees, vamos passar a mencioná-las. Por exemplo, de entre os feitos de velocidade, magníficos, que se encontram registados, salientam-se os seguintes:

Miss Ruby Keeler, dançarina e ex-esposa do cantor judeu Al. Jolson, conseguiu, em um minuto, estabelecer, com 840 pancadas de tação, o «record» do sapateado.

O sr. Geo L. H. Steid, de N. Jersey, escoreou a máquina, com a velocidade de 139 palavras por minuto, durante uma hora.

Um glutão, da ascendência portuguesa e de nome Manuel Tavares, de Rhode Island, engoliu 400 ostras em 4 minutos e 51 segundos! E não estorrou...

O campeão do «tira e põe frialdas a meninos» é W. H. Love, pai de um bebé de 7 meses, na data em que tão bicantino campeonato se realizou. Resumiu os factos que, em 16 segundos, mudou ao seu pimpão uma frialda com insoportável pericia. O concurso teve lugar em Seattle (Wash.).

És outros exemplos de «sombração» são unicamente um ligeiro pino de anastora, porque não faltam camponês, ou prefeitos, de mungir vacas, apañar algodão nos campos, etc. Um dos locais de competição mais concorridos são os restaurantes. Abãs se atingiram os máximos seguintes:

Robert Sault, um «pobre» homem de 49 anos, devorou 60 ovos quentes em 55 minutos, num campeonato realizado em Knoxville (Tenn.). Outro hercules, mas vilcico, o sr. Emil Cello, despejou pela quota abaixo meio galão de cerveja — ou sejam dois litros e três decilitros, em 16 segundos, na cidade de Baltimore.

Julgamos que, entre nós, haverá campeões de tãno ou branco» capazes de se medirem com tão notável astro da cerveja. Mesmo, se a competição fosse de pastéis de bacalhau em lugar de ovos quentes, estamos certos de figurarem inarizões de conjunto, isto é, como que para «partidas simultâneas». O indispensável seria encontrar quem pagasse as despesas da ementa...

Mas onde a nossa admiração possa não é tanto na extravagância destes «records» como na decanta imaginação dos que os incitam e presenciam. Junto com estes poder-se-iam colocar, também, os indivíduos que os registam e colecionam, espore rara de precência no de esolismo. Porque tudo está muito bem registado e pormenorizado. Uma publicação trimestral ou mensal (não conseguimos averiguar-lo...) intitulada Can You Beat It? — ou, em português, Você pode bater isto? — vai pondo os leitores ao corrente dâssas monstruosas exagêros Desde a máquina que mede o dinamismo do beijo até à «cavalheira» que ensina a arte da sedução em cinco lições, passando pelo cura Futurer, que, durante 20 horas consecutivas, pregou um sermão, no dia 15 de Junho de 1931, sobre a história da Bíblia (o que, dignos de passagem, ultrapassou as conveniências religiosas...) tudo quanto é exótico mas com ar de «record» extravagante e com pinta de original — em duas palavras, futurista e desconhecido — ali o temos impresso e com o maior grau de seriedade.

A mentalidade portuguesa é, felicemente, inimiga deste género de «performances». Não diremos que, após tantas coisas, não tenham sido destruídas e calcinadas realizações pantagruélicas, de surgir aos próprios americanos, e estabelecidas outras de maior vulto e grã volia... Mas, fora dâste campo de acção digestiva, o Zé-Povinho mostra-se discreto e mira com ênfase tais exhibições. Acha-as bem no erro e por isso lhe põe a alcinha de... palhaçada! São o que na verdade nos parecem. Quando muito, palhaçadas grotescas e desordenadas, que nada têm que ver com o desporto — mas são... curiosidades!...

O BALANÇO DA ÚLTIMA ÉPOCA

CAMPEONATOS E «RECORDS» NACIONAIS OS MELHORES RESULTADOS DE ALGUMAS PROVAS

por MARIO DE OLIVEIRA

NA seqüência desta pequena série de artigos em balanço da última temporada de natação, vem agora a propósito apontar alguns nomes dos nadadores e das nadadoras mais em evidência, e varios dos melhores «tempos» registados nos seis meses de natação ao ar livre, para assim fazer, ou tentar, a prova da nossa afirmação — que se progrediu especialmente em profundidade.

Em primeiro lugar, voltemos a indicar os nomes e os «tempos» dos campeonatos de Portugal.

Em senhoras:

Maria de Lourdes Bessone Basto (Algés) — 100, 200 e 400 metros livres e 100 metros de costas, respectivamente em 1 m. 26 s. ⁸/₁₀, 3 m. 23 s., 4 m. 38 s. ²/₁₀ e 1 m. 36 s. ⁴/₁₀.

Rosa Lopes (Atlético) — 200 metros de bruços, 3 m. 47 s. ²/₁₀.

Em todas estas provas se registou melhor «tempo» do que em 1942. Os dos 100 e 200 metros livres constituem mesmo «máximo» de cada prova quanto a campeonatos nacionais. Ainda não foi possível, este ano, voltar a disputar a estafeta de 4 x 100 metros livres.

Homens:

João José Mira Gomes (Individual) — 100 e 200 metros livres e 100 metros de costas, respectivamente em 1 m. 7 s. ⁹/₁₀, 2 m. 34 s. ⁷/₁₀ e 1 m. 17 s. ⁹/₁₀.

Joaquim Baptista Pereira (Alhandra) — 400 e 1500 metros livres, respectivamente em 5 m. 34 s. ³/₁₀ e 22 m. 31 s.

Júlio Mendes da Silva (Individual) — 200 metros de bruços, 3 m. 09 s. ⁸/₁₀.

Sport Algés e Dafunão (Rafael Ramos, Óscar Cabral, Herculano Trovao e Rodrigo Bessone Basto Júnior). 11 m. 20 s. Média de 2 m. 50 s., para cada percurso de 200 metros.

De todos estes «tempos», são melhores, relativamente a 1942, os que se registaram nas seguintes provas: 200 metros livres (2 m., 34 s. ⁷/₁₀, para 2 m. 39 s. ²/₁₀); 1500 metros livres (22 m. 31 s., para 22 m. 46 s.); e 4 x 200 metros livres (11 m. 20 s., para 11 m. 15 s. ¹⁰/₁₀). Nenhum deles é, porém, «máximo», dentro da referida prova. Salienta-se, entretanto, o resultado da estafeta de 4 x 200, como prova do progresso em profundidade, visto que o Algés teve de substituir Mário Simas, antigo campeão e «recordman» dos 200 metros livres.

Passando, agora, ao registro dos «records» nas provas femininas, temos o que segue:

«Record» de Portugal

200 metros costas, por Maria Isabel de Jesus Costa (Comimbrense), em 3 m. 48 s. ²/₅. A antiga marca era 3 m. 55 s. ³/₅ e pertencia à mesma nadadora.

«Records» de categoria

100 metros livres (Júniors) — Maria de Lourdes Bessone Basto (Algés), 1 m. 28 s. Antigo «record», de Maria Vitória Santos (Algés), em 1 m. 35 s. ⁴/₁₀.

100 metros costas (Júniors) — Maria de Lourdes Bessone Basto (Algés), 1 m. 33 s. ³/₁₀. Antigo «record», de Maria Isabel de Jesus Costa (Comimbrense), em 1 m. 50 s. ¹/₁₀.

400 metros bruços (Júniors) — Rosa Lopes (Atlético), 8 m. 19 s. ⁴/₁₀. Antigo «record», de Ilda Raposo (União de Coimbra), em 8 m. 43 s. ⁸/₁₀.

100 metros bruços (Principiantes) — Estabelecido pela nadadora Rosa Lopes, em 9 de Julho, em 1 m. 49 s. Batido por ela em 18 do mesmo mês (1 m. 45 s. ⁴/₁₀) e 1 de Agosto (1 m. 44 s. ⁹/₁₀).

200 metros bruços (Principiantes) — Rosa Lopes (Algés), em 11 de Julho, 3 m. 49 s.; em

20 de Agosto, 3 m. 47 s. ²/₁₀. Antigo «record», de Ilda Raposo (União de Coimbra), em 3 m. 51 s. ¹/₁₀.

400 metros bruços (Principiantes) — Rosa Lopes (Atlético), 8 m. 6 s. Antigo «record», de Maria José (Coimbra), em 9 m. 12 s. Vimos já indicado 8 m. 8 s. para o novo «record» de Rosa Lopes. Nos nossos apontamentos figura, todavia, 8 m. 6 s. Com qualquer destes «tempos», não há dúvida de que o «record» foi largamente batido.

Devemos anotar, também, que Maria de Lourdes Bessone Basto, depois de bater o «record» dos 100 metros livres (Júniors) com 1 m. 28 s., fez, na categoria de senior, os seguintes «tempos»: 1 m. 27 s. ²/₁₀ e 1 m. 26 s. ⁸/₁₀, respectivamente em 1 e 29 de Agosto.

*

Na parte respeitante aos «records» em provas masculinas, temos a seguinte lista:

«Records» de Portugal

400 metros costas — Artur Mendes da Silva (Individual), 6 m. 03 s. ⁴/₁₀. Antigo «record», de Mário Simas (Algés), em 6 m. 8 s. Foi batido no decurso de uma tentativa contra o «record» de júniors.

400 metros bruços — Júlio Mendes da Silva (Individual), em 6 m. 25 s. ³/₁₀. Antigo «record», de João da Silva Marques (Unidos), em 6 m., 25 s. ³/₁₀.

«Records» de categoria

500 metros livres (seniores) — Joaquim Baptista Pereira (Alhandra), 7 m. 2 s. ¹/₁₀. Estabelecido em 5 de Agosto.

500 metros livres (Júniors) — Fernando Chaves (Estoril-Pratia), 9 m. 1 s. ⁹/₁₀. Estabelecido em 10 de Outubro.

500 metros livres (Principiantes) — Francisco Ribeiro Salgado (Estoril Praia), 8 m. 4 s. ⁹/₁₀.

800 metros livres (Principiantes) — Francisco Ribeiro Salgado (Estoril Praia), 13 m. 4 s. Antigo «record» — 13 m. 33 s. ⁸/₁₀.

1500 metros livres (Principiantes) — Francisco Ribeiro Salgado (Estoril Praia), 24 m. 28 s. ⁶/₁₀. Antigo «record» — 27 m. 50 s. ⁴/₁₀, de Celestino Soares (Associação Académica de Coimbra).

200 metros bruços (Principiantes) — Carlos Azevedo, Júlio (Estoril Praia), 3 m. 20 s. ⁸/₁₀. Estabelecido em 10 de Outubro.

500 metros bruços (seniores) — Júlio Mendes da Silva (Individual), 8 m. 20 s. Estabelecido em 5 de Agosto.

500 metros bruços (Júniors) — Afílio Palma Rêgo (Estoril Praia), 9 m. 33 s. Estabelecido em 5 de Agosto.

500 metros bruços (Principiantes) — Estabelecido por George Black (Estoril Praia), em 10 de Outubro, e 9 m. 47 s. Batido por Carlos Azevedo Júlio (Estoril Praia), uma semana depois, com 9 m. 16 s.

200 metros costas (Júniors) — Artur Mendes da Silva (Individual), 2 m. 54 s. Antigo «record» de João Monte Pereira (Algés), em 3 m. 0 s. ⁴/₁₀.

200 metros costas (Principiantes) — Joaquim Guerreiro Roque (Individual), 3 m. 26 s. ³/₅. Estabelecido em 5 de Agosto.

400 metros costas (Principiantes) — Joaquim Guerreiro Roque (Individual), 7 m. 23 s. ⁶/₁₀. Estabelecido em 10 de Outubro.

3 x 100 metros livres, estilos — Estoril Praia (Álvaro Sancho, George Black e Gil Pancada Bravo), 4 m. 28 s. ⁸/₁₀. Antigo «record», do Algés, com 4 m. 28 s. ²/₁₀.

Com exclusão do novo «record» de Joaquim Baptista Pereira, nos 500 metros livres de seniores, todos os outros foram batidos por nadadores do Estoril Praia, com representação oficial do clube ou correndo como individuais até completar o ano de transição. E quasi tudo isto foi conseguido em dois dias que o Estoril Praia reservou para tentativas de «records» pelos seus nadadores em 5 de Agosto e 10 de Outubro.

A comparação dos tempos tem de ficar ainda para novo artigo.

Cartões de livre trânsito

Registamos mais a oferta de cartões de livre trânsito do Sport Lisboa e Benfica, Associação de Tenis de Mesa de Lisboa e Clube de Futebol Benfica.

Os nossos sinceros agradecimentos.

Algumas fases
dos jogos
de MARVILA e do LUMIARA



Reis não foi feliz — mas há um pé providencial que salva o "goal" ...
(foto C. Madeira)



Uma defesa com o seu quê de curioso
no jogo do Lumiar A (foto Madeira)



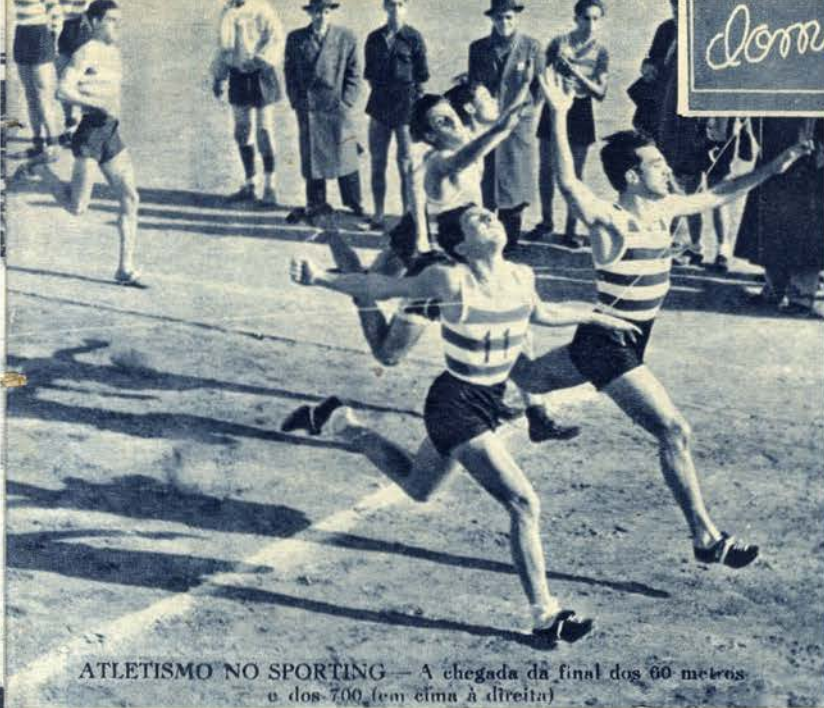
Um instantâneo que demonstra
a impetuosidade dos avançados
do Fósforos
(Foto Mantique)



Uma defesa de Rogério no jogo de Marvila (foto Mantique)

O «team» do Clube de Futebol «OS BELENENSES», campeão de Lisboa de reservas





(fotos Nunes d'Almeida)



ATLETISMO NO SPORTING — A chegada da final dos 60 metros e dos 700 (em cima à direita)



HIPISMO — Dois aspectos da prova "Amok", disputada no domingo

O «team» do SPORT LISBOA E BENFICA, campeão de Lisboa de 2.ª categorias



FUTEBOL

(Conclusão da pág. 7)

Os resultados agora verificados não vieram decair a impressão de que a jornada se apresentava com interesse: Estoril - Sacavenense, 6-1 parte.

As atracções que a luta pela conquista do segundo lugar constituía, caíram se juntou na 1.ª rodada. Temos, agora, três clubes em igualdade de pontos, no último lugar. Bréb-56, por conseguinte, grande empenho de seus três «teams» em largar a pouco satisfatória posição de «clandestinos-vermelhos» e saltar às três jornadas...

A bem dizer, os resultados de domingo não provocaram alterações na ordem da classificação. O Estoril é 1.º campeão... Pontuação ao fim da jornada de domingo: 1.º Estoril, 23 pontos; 2.º Benf., 23 p.; 3.º Chafes, 23 p.; 4.º Marritense, 22 p.; 5.º Operário, 19 p.; 6.º Olivais, Casa Fia e Sacavenense, 18 p.

Os resultados do jogo dos Olivais está longe — muito longe — de corresponder ao desempenho do jogo. Os «campeões» dominaram os «olivalenses» ganhamos. Tem destas coisas, o futebol... Sempre contra a corrente do jogo, os «encarnados» foram marcando «goals» e chegaram a 3-0. Os seus avançados estiveram felizes no remate e isso diz tudo.

O empate registado em Chafes parece ser o resultado ideal para definir a marcha do encontro. Com efeito, as equipas equilibraram-se, principalmente em entusiasmo e ardor pelo em defesa das cores do clube. É um pouco tradicional esse empenho e no domingo havia o desejo de fixar posições. O resultado fixou-se 33 minutos antes do fim, o que permite avaliar a vontade que dominou os jogadores de desfazerem a igualdade.

Em 8.º Vicente, a exibição pouco afortunada das linhas avançadas dos donos da casa influiu no resultado, porque nem a defesa das rédeas foi segura, nem o apoio aos avançados conveniente. Mas não se deixa disso que a luta não foi equilibrada.

O Sacavenense vai de mal a pior. É, na realidade, uma equipa em crise. Indolente da certeza de que o Estoril não teve dificuldade de derrotar os seus campeões se tenham empenhado para valorizar o «goal-average». Porque nem sempre os «estorilenses» chegam à duzina... 24 do Pelto.

NO PORTO

F. C. do Porto, Boavista e Leixões triunfaram em 1.º, reservas e 2.º

A CABOU o campeonato regional — e acabou mal... para alguns.

Aureolaram-se com vitórias: o F. C. do Porto, o Boavista e o Leixões, respectivamente em 1.ª, reservas e 2.ª categorias.

Os «portistas» chegaram ao fim sem conhecer o trazo da derrota. Mas chegaram mal. Os 2.º contra o Boavista — embora mais adversáveis do que o da 1.ª volta — nada podem indicar sobre o valor real do conjunto. Erros de fática, que podem dar péssimos resultados. Há ali defleitos — alguns de pormenor — a requererem reparo urgente. Urge remediar-las, porque o torneio nacional é diferente do que acabou de despirar-se.

Embora exercendo largo domínio, os «portistas» venceram pela «arguição», mais devido ao pouco perigo revelado pelo seu ataque do que ao valor da defesa adversa. Se esta esteve alia, denodada, os romistes «caus-brancos» foram, quanto aos que mais perigo poderiam representar pela situação do «shotdoor», atirados ao... 41.º andar...

Proeza de tomo executada pelos 9 «olivalenses» e a «graduação» do Boavista, os «reservistas», que deram o pósto a outros com mais «causa» para assegurarem um título: o de «reservas». Foram enladrinhados, lutadores ardorosos, constantemente em brecha, não dando descanso e lutando com um animo tal que chegou a dominar na 1.ª parte.

Porém, mais uma vez, neste campeonato, atirados pelo factor «torço» o mais importante nos torneios... Os «incompreensíveis» do Lima ficaram-se num empate, frente a um Leça desmantelado, reduzido a nove

ATLETISMO

(conclusão da pág. 3)

9 m. 0.6 s.; 26-7-30; João Silva (Benf.), 9 m. 8 s., 11-7-43; Felipe Luis (Carc.), 9 m. 14 s.; Manuel Nogueira (Sp.), 9 m. 14.8 s.; Manuel Gonçalves (Benf.), 9 m. 15.2 s.; Afonso Marques (Sp.), 9 m. 17.9 s.; José Gaspar (Sp.), 9 m. 18.8 s.; Anibal Barão (Sp.), 9 m. 21 s.; Augusto Matos Henriques (Bel.), 9 m. 22 s.

5000 metros: Manuel Dias (Sp.), 15 m. 25.8 s.; 26-7-30; João M. rques Graca (V. S.), 15 m. 37 s.; 12-7-25; António de Almeida (V. J.), 15 m. 40 s.; 18-7-27; Adelino Tavares (Sp.) 15 m. 40.8 s.; Manuel Nogueira (Bel.). 15 m. 48.9 s.; Anibal Barão (Bel.), 15 m. 53.6 s.; Fernando Soares (Int.), 15 m. 57.8 s.; António Fonseca (Sp.), 16 m. 3 s.; Diamantim França (V. Colmbra), 16 m. 3.2 s.; Manuel Pires de Almeida (Benf.), 16 m. 4.9 s.

10000 metros: António de Almeida (V. J.) 32 m. 23.8 s.; 2-7-27; Albino Rodrigues Silva (F. C. P.) 32 m. 52.4 s.; 31-7-38; Manuel Nogueira (Bel.) e Anibal Barão (Bel.), 33 m. 14.4 s., ambos em 11-8-40; Manuel Dias (Bf.). 33 m. 25.4 s.; Adelino Tavares (Sp.), 33 m. 28.4 s.; João Miguel (Bf.), 33 m. 29.4 s.; Felipe Luis (Carc.) 33 m. 51.4 s.; Fernando Soares (Int.), 34 m. 5.3 s.; António Fonseca (Sp.), 34 m. 8.4 s.

unidades, depois de terem passado 20 minutos a atacar constantemente a baliza de Jaguaré. Não houve um pé que acertasse as as rédeas. Depois das duas vitórias nítidas, o grupo não soube fazer mais... E o Leça coloco-nos, assim, o terceiro empate do campeonato, lutando com a adversidade.

O Salgueiros foi buscar a Leixões mais uma vitória, classificando-se como inabituvel por qualquer outro grupo que não seja o dos «campeões» regionais.

Os «salgueiristas», que marcaram mais personalidade no 2.º tempo, obtiveram uma vitória que a muitos se afigurava como difícil, pois os mais diligentes costumam fazer a «coisa feia» até que vão visitá-los. Não sucedeu assim, e, muito embora lutando com energia, a sua técnica não chegou para opor-se à força do vontade dos «segundos» regionais.

No F. C. do Porto apareceu a jogar, em 1.ª, o conhecido «interior» Gomes da Costa. Também o mesmo clube fez alinhar em «reservas» a sua nova aquisição: Bernardo. A exibição deste último foi modesta. — Mário Afonso.

EM COIMBRA

A ACADEMICA VITORIOSA cem por cento!

NADA de surpresas na última jornada do campeonato da região, que decorreu com absoluta regularidade e teve resultados normais. Talvez que os quatro «goals» sem resposta, dos estudantes do Sport, não fossem escoros esperados — pois entre o campeão e o último a diferença é enorme.

A Académica triunfou na primeira volta por 12-1... mas agora não foi feita a 4.ª pela a defesa sportista, portanto-se zalharam. Dizem dos navallistas, um Figueira da Foz, o União sentiu alguns «amargos» de bocas — mas, por fim, lá pôde regressar vitoriosamente. E quanto ao desejo Anadia-Lusitânia houve imensa vontade dos dois bandos, batalhando-se com muito entusiasmo e convicção.

Resultados:

Académica-Sport	4-0
Lusitânia-Anadia	3-3
Naval-União	0-0

Os jogos de Coimbra disputaram-se em Santa Cruz. No mais equilibrado (com 2-2 na 1.ª parte) o triunfo podia ter pido para qualquer dos lados: 120 bem ficara no «team» coimbricense como ao grupo da Anadia. O empate seria, mesmo, até certo ponto, o resultado ideal; na partida dos campeões com o Sport, aqueles jogaram sem interesse, enquanto o último pôs todo o entusiasmo na defesa. Dois «goals» em cada meio-tempo chegaram aos estudantes para ganhar o camp somente 2-0 com vitórias.

Na Figueira lá sendo o bom e o bonito! Os navallistas fizeram tudo para «embarcar» os coimbricenses — mas estes tiveram sorte: marcaram um «goal»... e ficaram-se por ali, a despeito de toda a oposição dos brancos rapazes da Figueira. Noroña, contudo, resolveu-se a salvar os unionistas — que puderam, assim, «passar» somente com as duas derrotas dos estudantes.

Classificação final:

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P.
Académica	10	10	—	—	63-10	30
União	10	8	—	2	31-18	26
Lusitânia	10	3	3	4	31-31	21
Naval	10	3	2	5	12-38	18
Anadia	10	2	3	6	19-33	15
Sport	10	—	1	9	11-44	11

Total dos «goals» marcados: 174. «Recordman»: Eduardo Lemos, da Académica.

Na outra prova da cidade — o torneio da II Divisão; a tal prova dos «m.». — o Calhate ganhou em 1.ª e o Nacional em 2.ª. — M. de Castro.

EM SETÚBAL

O Vitória conquistou o título de campeão

FINDOU o XVI campeonato da A. F. Setúbal. Ao cabo de sete anos, o Vitória de Setúbal reconquistou, enfim, o título. Candidato lá muito previsto — desde a final da «Taça de Portugal» — com maiores possibilidades, confirmou-se inteiramente na última jornada. Os «setubalenses» estão de parabéns — modesto, incontestavelmente. O clube tem trabalhado esforçadamente e a compensação apareceu.

Que a sua entrada no Campeonato Nacional se faça com o pé direito, para prestígio do futebol distrital e seu próprio, são os votos que formulamos.

UM PROBLEMA IMPORTANTE

SOB este título, publicámos, em editorial, no nosso número de 3 do corrente, um artigo do no-ssu presido colaborador Dr. Silazar Carreira no qual, a propósito da apresentação do certificado de bom comportamento moral e civil, se estudia a interpretação da lei por parte dos organismos desportivos: o referido documento, de facto indispensável, estava a ser exigido, para o mesmo individuo, em tantas associações quant s as modalidades que pratica, fosse, o que tornava tal formalidade muito onerosa.

Que estávamos dentro da boa doutrina prova-o um despacho da Direcção Geral de Desportos f zendo saber aos clubes que, enquanto não foram superiormente solucionadas as dificuldades verificadas na aquisição dos certificados, deverão remeter directamente à D. G. D. as informações exlidas nesse sentido, conforme a alínea c) do art.º n.º 59.º do Decreto

Talizou o Vitória 38 pontos, seguindo-se-lhe: Barreirense, 35 p.; Unidos, 31; Onze Unidos, 28; Amora, 24; Seixal, 23; Lusó e Arrentela, 21.

Os setubalenses, perante o seu público, brindaram o Amora com 5-1, sem que tivessem forçado muito o andamento da partida. A vontade e a sua preocupação, ficaram a competir com «scoros» gordos e sem margem para dúvidas. Diga-se, no entanto, que os amorenenses foram sempre adversários entusiasmados e bravaços.

No encontro de Santa Bárbara, o Barreirense voltou a fazer mais uma péssima exibição. O Unidos retribuiu, tal e qual (3-1), derrotou que zozera na primeira volta, mas com uma diferença: é que a acção do vencedor foi de longe superior à do vencido, o que então não sucedera.

O Onze Unidos, do Montijo, mereceu bem o triunfo que obteve contra o Seixal (3-1) e com ele o quarto lugar da classificação. Nem mesmo em sua casa os seixalenses tiveram ânimo para se oporem à melhor estratégia do jogo dos visitantes.

O Lusó avantezou mais uma derrota (4-3). Saltou-o do último lugar o «goal-averages», em relação aos vencedores de Arrentela. Estes não conseguiram, apesar-de tudo o seu entusiasmo, fugir ao fecho da classificação. — João Dias.

NO MINHO

Vitória de Guimarães de novo campeão

APENAS um jogo de interesse na derradeira «sessão» da competição minhoto: o de Famalicão, em que se disputava o segundo lugar. Os brancos, que oito dias antes tinham derrotado o Vitória por 3-0, foram perder com os famalicenses; e, em consequência, legaram-lhes o segundo pósto; lá está bem — como estaria certo que fossem do Braga. O Gil Vicente foi a Fafe; e perdeu, naturalmente. E os vitorianos, em Vitória, ganharam também com folga; não tanta, claro, como na 1.ª volta, em Guimarães, no célebre desafio dos 10-0.

Veja-se os resultados da jornada, porque neste de campeonatos sómente os números contam. Foram eles:

Famalicão-Sp. Braga	3-1
Viçosa-Vitória Guimarães	1-5
Sp. Fafe-Gil Vicente	5-3

Depreenda-se que tudo foi normal. E aceitáveis as vitórias de dois visitados, com mais retumbância (pelo que interessa à classificação) do de Famalicão. Mas não fáceis — nem uma, nem outra! Mais facilidade (era natural...) encontram os campeões em Vitória com um tanto, apenas, de resposta a cinco marcados.

Classificação final:

1.º Vitória de Guimarães, 28 pontos (dois perdidos na derrota em Famalicão e 6-15); 2.º Famalicão, 22 p. e 43-25; 3.º Sporting de Braga, 21 p. e 34-21; 4.º Sporting de Fafe, 20 p. e 31-21; 5.º Gil Vicente, 17 p. e 13-30; 6.º Vitória, 10 p. (dois derrotas) e 5-84.

Notas de conclusão: a belíssima «embalagem» do Vitória, apenas com a «pana» de Famalicão; a «correlação» interessante dos três seguintes, com pequeníssima diferença de pontos entre si (e foi este o campeonato mais bonito: o do triunvirato Famalicão-Fafe-Braga) e a... pouca sorte dos visitados — com meio goal por desfalco...

NO ALGARVE

O OLANHENSE É CAMPEÃO!

GLÓRIA ao Sporting Olanhense, que no domingo recebeu, a derrotou, o Glória! De novo campeões, os olanhenses vão representar outra vez a provincia no torneio «maior».

Resultados da última «rodada»:

Sp. Farense-Lusitano	5-2
Sp. Olanhense-Glória	7-0
Louletano-Lisboa e Faro	6-0

Logo: vitórias folgadas dos visitados, principalmente em Olhão e Loulé. O jogo de mais inter-ssé e também mais equilibrado — disputou-se em Faro. Causou sensação o «scoro» dos olanhenses, pois o Glória, apesar-de tudo, não era «team» para encerrar-se e não responder — no menos com um «goal»!

A classificação ficou sendo a seguinte: 1.º Sp. Olanhense, 28 pontos (dois perdidos na derrota, em Olhão, com o Farense, na 1.ª volta); 2.º Sp. Farense, 26 pontos (duas derrotas, em casa, com o Olanhense e Louletano); 3.º Louletano, 22 pontos; 4.º Lusitano, 18 pontos; 5.º Glória, 10 pontos; 6.º S. L. Faro, 10 pontos (dois derrotas).

RAFAEL CORREIA

(conclusão da pág. 4)

Lista completa das jogas internacionais e pela A. F. em que Rafael tomou parte:

1.º Portugal - Suíça 6 - Novembro - 1923, em Lusitania — Derrota por 0-1.

3.º Portugal - Suíça (2 - Fevereiro - 1929 em Lisboa) — Derrota por 2-4.

2.º Lisboa - Sevilha (7 - Maio - 1929 em Sevilha) — Derrota por 1-5.

3.º Lisboa - Sevilha (17 - Junho - 1930 em Lisboa) — Vitória por 0-2 (Rafael marcou quatro «goals»; Peyrotto outros quatro e Mourão um).

35.º Porto - Lisboa (7 - Dezembro - 1939, no Porto) — Vitória por 4-0.

36.º Porto - Lisboa (17 - Janeiro - 1940, em Lisboa) — Vitória por 6-3.

37.º Porto - Lisboa (27 - Dezembro - 1941, no Porto) — Vitória por 5-3.

40.º Porto - Lisboa (11 - Janeiro - 1942, em Lisboa) — Vitória por 13-2.

Rafael, que nasceu em 15 de Abril do 1915 e foi o «goal-getter» deste campeonato, jogou em quasi todas as terras do país e em Espanha (Sevilha) e na Suíça (Lusitania). Como suplente, foi a Madrid, a Paris (duas vezes) e a Bilbao.

n.º 32.946, e respeitantes a cada um dos seus atletas.

Congratulamo-nos com esta resolução, que está precisamente de acordo com o ponto de vista defendido nas nossas colunas.

O "caso" da Associação Portuense

A propaganda de uma modalidade só é possível, com resultados seguros, se tiver a companhia a uma «série» persistente de criteriosas exhibições, capazes de cativarem público e praticantes pela beleza do espectáculo e pela lealdade da competição.

Não basta eloziar determinada actividade desportiva, contando as suas belezas inconfundíveis e o seu «poder» salutar: é preciso que, a par dessa propaganda — por muito int-nua e por muito bem feita que seja — o público tenha palpável e prova do que se lhe afirma. A propaganda é indispensável em qualquer género da actividade humana, mas os seus alicerces estão, afinal, «naquilo» que se pretende «lançar» ao gosto dos outros...

No futebol, por exemplo, não bastou a propaganda, embora muita gente assim o pense. Foi a «verdade» das condições lamentavelmente espectaculares do jogo que lhe criou inúmeros admiradores. E estes cresceram porque se lhes mostrou, com persistência e carinho, em competições continuas, a «verdade» do que se afirmava...

E tudo isto permite chegar à conclusão de que no atletismo não basta a propaganda dos jornais ou da «rádio» (embora se torne indispensável); são precisas, também, competições «rinfusas» — organizações «alindadas» com este ou aquele atractivo, para que o público vá lá — e que! Eis o motivo por que nos batemos há tantos anos pela organização de provas «tíficas» antes e nos intervalos dos jogos de futebol.

A pouco e pouco, o público começaria a ganhar gosto pelo atletismo, iria familiarizando-se com os seus «a-es» — e amanhã, quando o futebol entrasse no «defeso», a multidão, interessada, não faltaria às organizações dos camp-onatos do nosso desporto — que a havia conquistado!

Ora tudo isto é fácil de fazer. Temos em vista o salutar exemplo que os lisboetas nos apresentam por intermédio do Sporting Clube de Portugal. É fácil, e garante êxito seguro. Mas no Pórtio tudo se torna difícil — porque a A. P. A. ainda não tem dirigentes e os clubes não mostram vontade de trabalhar.

Estamos certos de que o Académico não recusaria a sua pista para organizações particulares, ca- o qualquer agremiação quisesse tent- r o exemplo do Sporting.

Por que se vivo, então, neste ambiente desolador?

A principal desculpa — sabemos-lo — está na falta de directores para a A. P. A. Mas verdade é, também, que tal estado de coisas compete aos próprios clubes resolver-lo. Por isso, voltamos a dizer: mãos à obra! Faça-se o possível para eleger uma comissão administrativa para a entidade máxima do atletismo portuense — e vamos trabalhar todos para o mesmo fim: o progresso da modalidade!

EDUARDO SOARES



Vontade de vencer!

COMO acontece com os homens, há clubes que nascem sob signos variáveis, de ritos e baixos, de eras de triunfo e de derrota.

É te a que vamos referir-nos tem, no seu passado de 20 anos, épocas de nureo fulgor, anos de ofuscamento, situações difíceis, a par de outras de renascimento.

Depois de ter atravessado períodos de grande projecção nas actividades desportivas do nosso país, depois de ter sido saiguema no nosso futebol e de contar com a maior e mais homogénea massa de simpatizantes, declinou gradualmente, ano após ano, até chegar ao afundamento completo — quasi ao aniquilamento de todas as vontades, de todas as energias.

Em pouco mais de um ano, mercê da possibilidade de poder dispor de uma direcção dedicada, com visão mais lata, esse clube quasi attingiu o seu apogeu. E dizemos quasi porque as vitórias alcançadas ainda não correspondem ao esforço dos seus dirigentes. Entretanto, as suas actividades, em constante progresso, devam dar, dentro em breve, maior satisfação aos seus inúmeros e constantes admiradores.

Por agora conseguiu marcar a sua posição em várias facetas do desporto, como o stétismo, a natação e o futebol. Neste último, preparação cuidada e criteriosa orientação deram-lhe, de momento, um lugar que não tinha ainda attingido: segundo no campeonato regional, depois de ter sido o último da classificação. Tem, assim, garantida a sua presença no torneio máximo, onde não inscrevera ainda o seu nome, nos tantos anos em que, desde a Liga, tal prova existe.

Vai disputá-lo pela primeira vez. É preciso que o grupo correspondente e deixe o seu nome bem acentuado em todos os campos que percorrer: na técnica, na disciplina, no respeito às determinações superiores.

Aos seus atletas — nunca é demais recordá-lo — estão confiadas, de p-rcer com o F. C. Pórtio, mais do que a defesa das cores da camisola clubist: existe ainda o brio da cidade, o seu valor futebolístico, por cujo prestigio deve lutar com o mesmo ânimo e a mesma fé que os animou durante o regional.

Vai começar o torneio nacional. O Salgueiros entra nele este ano. Que o faça com o «pé direito», na certeza de que as suas exhibições são aguardadas com interesse em campos do sul.

Toda a gente quer ver jogar o Salgueiros, cuja cor — igual à do Bêntica — lhe garante, pelo menos, a simpatia da gente do mais popular clube lisboeta.

A «alma saigueirista» vai falar, temos a certeza. Confiamos nela.

Muito bem!

RARAS vezes os delegados acreditados junto da Associação de Futebol do Pórtio, como representantes dos clubes filiados, terão chegado a acôrdo tão unânime, para a eleição dos corpos dirigentes daquele organismo, como desta vez.

A gerência que findou o seu mandato fê-lo com elevação tal, com consciência e largueza de vistas de tal ordem, que se impôs, desde a primeira hora, à consideração de todos os elementos futebolísticos do distrito. Muito embora tenham passado pela direcção d-quele casa indivíduos de valor desportivo, dispoendo de conhecimentos técnicos e associativos de primeiro plano, a verdade é que a superior actuação dos directores da época finda, em especial do «trinuivisto», foi, de facto, de grande realce.

Assim o entenderam todos — e alada bem. Por isso, a recondução dos conhecidos desportistas Alberto Brito, Orlando de Sousa e engenheiro Fernando Gaspar, nos cargos, respectivamente, de presidente, secretário geral e tesoureiro da A. F. P., longe de constituir uma surpresa, foi a afirmação do reconhecimento pelos serviços prestados à causa do futebol portuense.

A imprensa, que muitas vezes, por dever de imparcialidade, é forçada a comentar desfavoravelmente actos ou gestos administrativos, incumbe o dever de prestar homenagem — a sua homenagem — a quem, após uma gerência laboriosa, cordata e inteligente, chega ao final de um ano de sacrificios e vê o seu labor apreciado pela maneira como o foi na reunião e que presidiu a figura simpática do sr. Domingos Ferreira.

Será mais um ano de conselhas. Mas orelá que possamos, no fim da época em decurso, focar de novo, com as mesmas palavras de elogio, a obra magnífica da gerência que vai entrar de serviço...

M. A.

NOTAS... SEM VALOR

NOVE vitórias consecutivas, que traduzidas em números, na pontuação do campeonato regional, representam superioridade convincente da equipa do Futebol Clube do Pórtio. Significa qualquer coisa de notável no desporto tripeiro, com a conquista do título máximo da sua Associação — campeão da época de 1943-44.

Voltou a confiança, o amor clubista e, mais tarde, a compreensão nítida dos adeptos e simpatizantes do Futebol Club do Pórtio, com os primeiros triunfos — resultados que não deixaram a dúvidas, com tanta «abundância» de feitos...

— Move-se o céu e a terra por causa de um lugar «rendoso» em certo organismo. Já se deram despiques entre os «grandes» — quando há por cá tanto «pequeno» com qualidades, que não são aproveitadas... Bem se diz que a água corre para o mar...

— Há árbitros que fazem resultados, outros que os desfaz: m: um exemplo d- s primeiros é o do Salgueiros Académico, da 2.ª volta. Aquêl «penalty»... foi um «caso sério».

— Chegou-se a fazer «cor» da saída de um atleta dos mais consagrados do clube do Lima — Mário Perdigão, jogador de dois desportos em que é positivo-mente uma «estrela»: no «hand-ball» e no «basket-ball». Um mal entendido, suscitado na sede do Académico com um dirigente — um dos seus maiores amigos — quebrou, em parte, o interesse desportivo de Mário Perdigão. A sua vida desportiva — começada no Académico, muito jovem — é um documento bastante honroso para Mário Perdigão — e uma certeza abonos para a continuidade no «seu» Académico. O dr. Paulo Sarmento entrou, em boa hora, como elemento de ligação, pronto a tudo — com acrisolado carinho, a reater a sua «amisade» académica, bem acolhedora.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — Nas últimas provas de selecção entre simpatizantes e sócios do Sporting, ficaram vencedores: Luis Rocha, em 60 metros, com 7 s. 7/10; Artur Dias, em 250 metros, com 32 s. 2/10; Orlando Monteiro, em 700 metros, com 2 m. 3 s. 6/10; Henrique Amaral, em 2000 metros, com 6 m. 33 s. 6/10; César Cunha, no salto em altura, com 1.37; Guilherme Sequeira, no salto em comprimento, com 5.33; Marc Edgallton, no lançamento do peso, com 11.95, e no disco, com 29.52.

BASKET-BALL — Na última jornada da taça «Jorge Leitão Marques», comemorativa do 25.º aniversário do Caridade Club, teve vencedor o Alguo e Dafundo por 34-29. Em categorias inferiores: Beira Mar, 2-1; S. Antuanoes-Oliveira, 2-1. **Beja**: Luzo Sporting-União, 0-0; Santarém: Sporting de Tomar - Matreia, 2-0; Ferroviários do Entonamento - União de Tomar, 4-1; Alcanenense - Rossio de Abrantes, 0-0; Leões - Operário, 2-0. **Vila Real**: Sporting - Operário, 4-0. **Viana**: Lisboa e Viana - Vouzense, 3-2.

HÍPISMO — Na primeira reunião das corridas de cavalos, no Jockey Club, saíram vencedores: «Diez Tu» com Martinho Correia, na 1.ª, de 1200 metros; «Cook» com José Vicente, na 2.ª, de 1600 m.; «Exitos», dos irmãos Robertos, com Joaquim Júlio, na 3.ª, de 1200 m.;

«Abutêncos» com Henrique Calado, na 4.ª, de 1800 m.; «Alados» na 5.ª, de 1200 m.; «Sberades» com Adelaes, na última, de 1800 m.

NATAÇÃO — No festival celebrado na piscina aquedica do Estoril, em benefício da Misericórdia de Cascais, registaram-se os vencedores seguintes: Mira Gomes (400 m. livres em 5 m. 35 s. 2/10); Ana Linheiro (60 m. costas em 1 m. 4 s. 1/10); Júlio Mendes Silva (100 m. brucos em 1 m. 23 s.); Estoril Praia (15 x 25 m. estílios em 1 m. 21 s. 8/10 e 32.50 m. livres em 1 m. 31 s. 1/10); Henry Heyman (66 m. brucos em 1 m. 7 s. 2/10); Teresa Domingues (33 m. brucos em 33 s. 2/10); e Mário Simas (100 m. costas em 1 m. 13 s. 2/10 e 100 m. livre, em 1 m. 5 s. 1/10). O Estoril Praia ganhou a taça «Junta do Turismo de Cascais», destinada ao clube vencedor do torneio, e as taças «Sociedade do Propaganda de Cascais» foram atribuídas ao Belenense e ao Atlético.

TÊNIS — Disputou-se o campeonato do Sporting, em duas categorias, e vai disputar-se a taça «Krusa Gomes», uma iniciativa do «Clis» a que nos referiremos na ocasião oportuna.

TÊNIS DE MESA — O campeonato do «Clis», categoria de fracos, foi ganho por António Fortes, com 23 pontos, TIRO AO ALVO — Nas quatro carreiras principais do Fafe, disputou-se um torneio dotado com a taça «sr. António Martins», homenagem da Federação Portuguesa ao sãtudo mestre atirador.

Registaram-se bons resultados individuais, mas a classificação geral só amanhã se tornará conhecida.

— João Nais, do Sportlig, foi o vencedor da prova «Otono» disputada na carreira «Henrique José da Fonte» do A. C. C. Capa de Ourique. Fêz o máximo de 150 pontos.

TIRO A CHUMBO — No stand do Louar tem-se disputado, com muito interesse, as várias provas do Torneio Internacional do Outeiro. Nos principais concursos registaram-se vitórias de Joaquim Belchior, que

ganhou a taça oferecida pelos concorrentes espanhóis, com 11-11, e de D. Eduardo Lagiesla, no campeonato de Lisboa, com 12-13.

VOLLEYBALL — A 1.ª Companhia do Batalhão de Sapadores Bombeiros derrotou a 4.ª Divisão da Polícia de Segurança Pública, triunfando aquêl por 2-1.



O grupo de honra do FÚTEBOL CLUBE DO PORTO, campeão nortenho



F. C. PORTO-BOAVISTA: Faria remata antes que Vinagre, do Boavista, possa interceptar

(fotos Hermann)